

O QUE É O PECADO?

Nilton Severiano de Oliveira

AGRADECIMENTOS:

Ao Deus Trino em primeiro lugar pela revelação da Obra da Cruz. Pois sem esta revelação não há como prosseguir na caminhada de fé. A família, projeto divino, pilar, mola mestra da sociedade, sem a qual não haveria existência digna, equilíbrio e horizontes a descortinar. À minha esposa, fiel companheira de todas as horas. Aos meus dois filhos, presente de Deus e motivo da luta por dias melhores. À minha mãe, irmãos, à família da fé. Àqueles que serviram de instrumentos da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo e que me ajudaram na compreensão deste assunto, na revelação da Mensagem da Cruz. Ao Pastor Ivalte do Espírito Santo Rodrigues, a quem devo a indicação para o ministério pastoral, foi o instrumento que Deus usou para que isso fosse possível. A todos os que fazem parte do Corpo do Senhor Jesus, a verdadeira Igreja descrita em Mateus 16:18, meu muito obrigado. Que o Senhor da seara continue a lhes iluminar a mente e o coração, a abrir os olhos da fé nesta caminhada rumo à Jerusalém Celestial e os abençoem em nome de Jesus!

Nilton Severiano de Oliveira

PALAVRA DO AUTOR:

O desejo de escrever este livro nasceu a partir da constatação de tanta confusão e polêmica que o assunto desencadeia no meio religioso. É lamentável ver quantos que se dizem cristãos, caminhando longe dos parâmetros traçados pelas Escrituras Sagradas, de seu escopo primordial e de sua teleologia.

Este assunto, ao mesmo tempo em que é palpitante e desperta interesse é de extrema importância seu conhecimento e domínio, fato que não pode ser ignorado, pois é o pilar sobre o qual está sedimentado toda ruína da raça humana.

O pecado gerou a morte espiritual do homem em Adão: ***Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram (Romanos 5:12).***

Sendo esta a condição do homem natural a partir de, e inclusive em Adão, segue-se que a razão da vinda de Jesus Cristo à este mundo foi para resolver o problema que o pecado desencadeou, e isto, de forma definitiva: ***No dia seguinte, viu João a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (João 1:29)!***

Se eu recebo a Bíblia Sagrada como a Palavra de Deus, devo acreditar nela, sem mais, nem porém, sem contudo, nem jamais e sem todavia; pois ela garante que Jesus veio para erradicar o pecado de todo aquele que toma conhecimento desta verdade e nela crê. Crê que foi incluído no madeiro juntamente com Cristo, que, com Ele morreu e foi sepultado, que, foi ressuscitado com Ele em Novidade de Vida: ***Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante? De modo nenhum! Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos? Ou, porventura, ignorais que todos nós que fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte? Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida. Porque, se fomos unidos com ele na semelhança da sua morte, certamente, o seremos também na semelhança da sua ressurreição, sabendo isto: que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos; porquanto quem morreu está justificado do pecado (Romanos 6:1-7).***

Quando isto se torna realidade na vida daquele que crê nesta obra grandiosa, a Bíblia Sagrada diz há troca de natureza (adâmica pela divina) há Novo Nascimento, há relacionamento com Deus e, portanto, Vida de Cristo. Não podemos ignorar este fato: ***...levando sem-***

pre e por toda parte no corpo a morte de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo. Porque nós, que vivemos, somos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal (II Coríntios 4:10-11).

Meu desejo sincero, diante do PAI, é que você caro leitor, ao tomar conhecimento deste fato, desta verdade imutável, deste princípio irrefutável da morte e ressurreição, faça a entrega de si mesmo, ofereça-se a Deus, para que o Espírito Santo opere em você esta graça sem fim, por toda a eternidade, em nome de Jesus!

Nilton Severiano de Oliveira

PALAVRA DO PASTOR IVALTE:

Dou graças a Deus por ter dado esta revelação ao meu amado colega de ministério, para escrever este livro tão precioso, pois trata com clareza da solução para o pecado em Cristo. O livro mostra que Deus enviou Jesus, nosso Senhor e Salvador, para ser crucificado, nos atrair em Seu Corpo na cruz e fazer morrer com Ele nossa velha natureza, perversa e pecaminosa. Não deixa de mostrar também, que na ressurreição com Cristo, Deus ressuscitou o Novo Homem e então todos aqueles que acreditam que foram atraídos por Cristo em Sua crucificação, morte e ressurreição, desfrutam da filiação divina, são filhos de Deus.

Minha oração é que todo aquele que ler este livro receba de Deus, a revelação e a fé necessárias para serem gerados de novo e desfrutarem da paz que só o justificado goza (Rm.5:1).

Ivalte do Espírito Santo Rodrigues
Pastor da 1ª Igreja Batista Importa Renascer em Cravinhos/Serrana

APRESENTAÇÃO:

Conheci o Pr Nilton Severiano de Oliveira na década de 90, quando estive fazendo uma série de estudos bíblicos na igreja metodista de Ribeirão Preto – SP, da qual ele fazia parte antes de sua ordenação pastoral. Depois disso nos encontramos poucas vezes. Apesar da distância que nos separa estamos unidos no mesmo propósito de proclamar o Evangelho da Graça, até agora pouco divulgado neste mundo frio, insensível, desumano, perverso e cruel; marcado pelo pecado, pela idolatria, pela ignorância, pela violência, pelo desamor, pela fome e pelas guerras.

Quem conversa com o pastor Nilton logo percebe as qualidades peculiares do seu caráter, a coerência de suas atitudes, a firmeza de sua fé, e a sua vontade de fazer conhecido a tantos quantos for possível, a importância do sacrifício de Cristo como o único remédio que liberta o homem do pecado. O seu desejo é proclamar dos telhados, em alta voz, a magnitude do amor e da graça de Cristo, que veio trazer a todos plena e poderosa salvação.

Ao chegar às minhas mãos os originais do seu livro: **“O Que é o Pecado”**, comecei a ler com alegria e gratidão a Deus, não só porque foi escrito pelo meu amado irmão em Cristo e companheiro de ministério, mas pela extrema relevância do tema que abrange diferentes aspectos, do interesse de todos, desenvolvido com notável simplicidade e clareza. Eu pensava que conhecia bem a doutrina do pecado; mas, depois de ler os originais desta produção, confesso que o meu conhecimento era apenas de forma superficial, desprovido de reflexões mais profundas.

Embora esta obra tenha suas limitações, ela será de grande ajuda para todas as pessoas que desejam obter mais conhecimentos sobre a gravidade do pecado e suas desastrosas conseqüências. É um assunto que não pode ser ignorado por ninguém; pois, foi o pecado que causou a morte espiritual e física do primeiro homem – Adão; continua destruindo a humanidade do presente século, e certamente levará muitas almas para o inferno. Todavia, devemos dar graças a Deus que enviou seu Filho ao mundo, para buscar e salvar os pecadores - Marcos 2:7.

Falar sobre o pecado e a libertação do pecador por meio da sua morte e ressurreição em Cristo, é correr o risco de ser discriminado nos meios evangélicos como sectário e puritano. Por ser um assunto de aspecto polêmico, têm surgido muitos debates, contestações, e opiniões equivocadas por parte daqueles que se julgam doutores no assunto. Mas, o pecado é algo muito mais sério do que aquilo que gostamos de pensar a seu respeito. Foi preciso Deus enviar seu Filho ao mundo para dar solução ao problema do pecado: *“Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós, para que nele fôssemos feitos justiça de Deus”, II Coríntios 5:21*. A morte de Cristo na cruz para redimir a raça pecadora, foi de tamanha grandeza, magnitude e eficiência, que a mente humana é incapaz de compreender.

Ao abordar a questão do pecado, o autor reafirma não só o valor da morte de Cristo como expiação por todos os homens, como também a respon-

sabilidade de cada um pelas suas próprias transgressões, e a convocação divina ao verdadeiro arrependimento: *“Ora, não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos em toda parte se arrependam”*, Atos 17:30. As multiformes misericórdias de Deus no tocante a remissão dos pecados por meio de Cristo, são oferecidas graciosamente aos pecadores do mundo inteiro. Esta verdade está confirmada em I João 2:2, que diz: *“Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro”*. Isso significa que todos os homens são potencialmente chamados para serem salvos por meio do sacrifício de Cristo.

A questão do pecado está efetivamente associada com a história da humanidade. Embora a vida humana seja breve, ela é suficientemente longa para que o indivíduo cometa muitos pecados contra Deus. Ninguém está isento de cometer pecado: *“Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus”*, Romanos 3:23. Mas, o Senhor Deus que é cheio de amor, graça e misericórdia, restaura, justifica e liberta o pecador gratuitamente, e ainda implanta nele a imagem e natureza de Cristo por meio do novo nascimento. Por isso, não podemos desprezar a doutrina fundamental e necessária do Evangelho, não formalizada por homens, mas pelo Filho de Deus, conforme se lê a seguir: *“Em verdade, em verdade te digo, que se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus”*, João 3:3. O propósito da vinda de Cristo ao mundo para morrer na cruz foi libertar a humanidade do pecado, e dar a vida eterna aos *“que jazem nas trevas e na sombra da morte”*, Lucas 1:79.

Este é um daqueles raros livros que tem a ousadia de apresentar a verdade com segurança, precisão e autoridade, para pôr fim de modo decisivo e final ao dilema “peca ou não peca” que tem causado muita confusão nos meios evangélicos. Quem não crê na sua libertação do pecado usa como escudo Eclesiastes 7:20; mas, aquele que confia no poder do sangue remidor de Cristo descansa plenamente em Romanos 6:6.

É um livro desprezível, singelo em sua forma, sincero no seu propósito, franco no tom, e livre de intenções polêmicas e sofismas tendenciosos. Portanto, capaz de agradar a tantos quantos desejam aprimorar seus conhecimentos sobre uma doutrina que abrange a humanidade inteira.

São raras as publicações que vêm a lume focalizando tema de tal relevância, e do interesse de tantos quantos desejam seguir com firmeza e santidade os passos de Jesus. É exatamente para suprir essa lacuna que a presente obra é dada à publicidade.

É um livro para ser lido com humildade, submissão, reverência, temor e tremor diante daquele cujo *“nome se dobre todo joelho nos céus, na terra, e debaixo da terra”*, Filipenses 2:10.

A Ele, toda honra, todo o louvor e toda a glória.

Valparaíso-GO.

Sinval Teófilo da Silva

Secretário Executivo da Associação Betel de Evangelismo e Missões

SUMÁRIO:

Capítulo I

Definição e origem do pecado

- a) Definição de pecado
- b) Origem do pecado

Capítulo II

O papel da Lei

- a) Conceito de Lei
- b) A lei do pecado e da morte
- c) A analogia do casamento
- d) A fragilidade da lei e o conflito religioso

Capítulo III

O novo regime

- a) A Lei não foi revogada
- b) A Lei do Espírito da Vida em Cristo
- c) O Novo Mediador
- d) O novo regime legal

Capítulo IV

A solução para o pecado

- a) A Cruz de Cristo
- b) A Cruz de Cristo erradicou o pecado de uma vez
- c) Princípio da morte e ressurreição
- d) Efeitos da Cruz de Cristo
- e) A eficácia da Cruz de Cristo
- f) A noite escura – uma manhã de ressurreição
- g) Trabalho em vão
- h) Síntese do princípio da morte e ressurreição
- i) Livres do pecado pela graça

Capítulo V

Considerações finais

- a) **Breve resumo do sacrifício na antiga aliança**
- b) A cerimônia do dia da expiação
- c) Cristo e o dia da expiação
- d) Escravidão ou liberdade?
- e) Escravo ou herdeiro?
- f) O exemplo de Jó
- g) A Justiça de Deus
- h) Resumo da obra
- i) Você continua sendo pecador?

Capítulo I

Definição e origem do pecado:

Definição de pecado:

Sempre que quisermos saber ou compreender determinado assunto, devemos investigar sua origem, base e fundamento, para não incorrerem no risco de uma compreensão superficial e distorcida de seu real significado. O conceito de pecado traçado pela Bíblia Sagrada é: ***Todo aquele que pratica o pecado também transgride a lei, porque o pecado é a transgressão da lei*** (I João 3:4).

Ora, se o pecado é a transgressão da lei, preciso fazer uma minuciosa análise acerca da lei e seu papel na história do povo de Deus para saber se os seus preceitos e efeitos continuam a vigor e até onde ela tem alcance na vida daquele que é regenerado, qual a sua influência e importância na Nova Aliança, em fim, não posso me permitir passar despercebido um assunto de tamanha envergadura dentro deste contexto, sob pena de ter uma visão míope sobre o tema e, por conseguinte, chegar a uma conclusão equivocada. Evidentemente que, se parto de um ponto obscuro, vou chegar a uma conclusão pouco esclarecedora.

Em suma, devo investigar cuidadosamente a função da lei, não partir de uma premissa equivocada e não chegar a uma conclusão precipitada fora do contexto bíblico que encerra todo um arcabouço onde, do primeiro ao último livro, isto é, de Gênesis a Apocalipse o personagem central é a pessoa do Senhor Jesus Cristo e a Obra Redentora realizada na Cruz do Calvário.

Tenho assim, um ponto de partida seguro, porquanto, conclusivo é o conceito dado por João, o discípulo amado, acerca do pecado, na carta escrita às igrejas da região da Ásia Menor, cujo objetivo era orientar as igrejas, os novos conversos quanto ao que consta das Escrituras Sagradas. As igrejas daquela região estavam recebendo influência de doutrinas ***gnósticas***, onde seus adeptos afirmavam que nascemos sem pecado. Daí a razão pela qual João responde no capítulo 1:8-10: ***Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça. Se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso, e a sua palavra não está em nós.***

Os ***gnósticos*** estavam contaminando o rebanho com esta falsa doutrina de que nascemos sem pecado e à medida que temos contato com os adultos nos tornamos pecadores. Em oposição, João lembra-lhes que a Palavra de Deus faz a seguinte afirmação: ***pois todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus*** (Romanos 3:23). É possível que João tivesse conhecimento da carta escrita pelo apóstolo Paulo, por volta do ano 55 da era cristã, enquanto que João escreveu por volta do ano 90. O texto referido em Romanos é oriundo do livro da Lei, Êxodo

40:34-38: ***Então, a nuvem cobriu a tenda da congregação, e a glória do SENHOR encheu o tabernáculo. Moisés não podia entrar na tenda da congregação, porque a nuvem permanecia sobre ela, e a glória do SENHOR enchia o tabernáculo. Quando a nuvem se levantava de sobre o tabernáculo, os filhos de Israel caminhavam avante, em todas as suas jornadas; se a nuvem, porém, não se levantava, não caminhavam, até ao dia em que ela se levantava. De dia, a nuvem do SENHOR repousava sobre o tabernáculo, e, de noite, havia fogo nela, à vista de toda a casa de Israel, em todas as suas jornadas.***

Você deve estar se perguntando: O que tem a ver o texto de Romanos 3:23 com o texto de Êxodo 40:34-38? Aparentemente nada! Digo aparentemente, porque examinaremos a seguir e veremos que tem tudo a ver com o pecado, com a pessoa do Senhor Jesus Cristo e com a glória de Deus da qual toda raça humana foi afastada. Apenas um parêntese: Por ser destituído da glória de Deus, o ser humano passou a buscar a própria glória e por isso não glorifica a Deus. O homem passou a ser senhor de seu universo, de seu destino e do rumo empreendido na vida, ainda que limitado, enquanto Deus é SENHOR do universo, a Fonte da Vida, a Vida Eterna e o Salvador. Deus quer que você creia na obra redentora de Seu Filho Jesus Cristo e crendo tenha Vida Eterna: ***Na verdade, fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram registrados para que, creias que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome*** (João 20:30-31).

Vamos então dissecar a similaridade dos textos de Romanos 3:23 com o de Êxodo 40:34-38.

Em Romanos 3:23 o apóstolo Paulo afirma que o pecado fez com que o homem fosse destituído da glória de Deus. Em Êxodo 40:34-38 vemos que a glória de Deus cobria a tenda da congregação e enchia o tabernáculo. Enquanto isso, Moisés não podia entrar na tenda da congregação quando a nuvem permanecia sobre ela. A tenda da congregação era o lugar onde os filhos de Israel se reuniam para receber de Deus, através de Moisés, que era o mediador, a orientação para a vida diária. O Tabernáculo representa a presença de Deus no meio de Seu povo. Daí, o verbo ***tabernacular***, isto é: ***habitar***.

Não é sem sentido que o texto do Evangelho escrito por João 1:14 faz esta afirmação: ***E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai.*** O verbo – HABITAR - que aparece aqui é o mesmo de Êxodo 40:34-38, o que significa dizer que sempre foi da vontade de Deus habitar – TABERNACULAR - no meio de Seu povo, fazer morada, manter relacionamento e comunhão com um povo santo, separado para seu uso exclusivo, tal como nos descreve a primeira epístola de Pedro 2:9: ***Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.*** Não só aqui é descrito pelo apóstolo Pedro, mas Deus já deixara nítido a Moisés que não poderia ser de outra forma, meio ou modo o relacionamento com Ele: ***Vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa. São estas as palavras que falarás aos filhos de Israel*** (Êxodo 19:6).

Pois bem, perdida esta glória, ou destituído desta glória, da glória de Deus, o homem passou a buscar a própria glória, pois glória significa: **honra, fama, exaltação, etc.** Ao invés de honrar, glorificar e exaltar o nome do SENHOR, o ser humano passou a ser senhor de seu próprio destino. Sendo senhor de seu próprio destino, ele transferiu para si, das mãos de Deus a condução da própria vida, e com isso, busca o reconhecimento da platéia decaída, destituída da glória do SENHOR. Não é menos verdade que vemos uma plêiade de desventurados que querem a qualquer custo os aplausos, a fama, o reconhecimento, o primeiro lugar, o destaque na sociedade, etc. Tal fato tem acarretado males sem medida para o seio social, pois esta natureza perversa, decaída e destituída da glória de Deus, busca, a qualquer custo e preço, sem se importar com quem vai atropelar pelo caminho, alcançar o sucesso e a fama. Pesquisas nos dão conta de que, se perguntarmos a uma criança ou adolescente o que ela gostaria de alcançar no futuro, ela dirá sem hesitar: Quero ser famoso! A fama atrai para si os olhares atentos de uma multidão empedernida nos escombros do pecado, mergulhada no caos da sombra da morte e confusa na escuridão de um mundo sem a luz de Cristo.

Há ainda outra definição de pecado, e esta, dada pelo próprio Jesus quando se referiu à vinda do Espírito Santo, assim disse Jesus: **Quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo; do pecado, porque não crêem em mim....**(João 16:8-9). Que pecado é este? A resposta está no versículo 9: **INCREDELIDADE.** Quando o texto bíblico de João 1:29 diz que Jesus veio tirar O pecado do mundo: **No dia seguinte, viu João a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo!** E na primeira definição de pecado acima mencionada: **Todo aquele que pratica o pecado também transgride a lei, porque o pecado é a transgressão da lei** (I João 3:4). Devemos concluir que a vogal “O”, encerra no contexto gramatical a figura de artigo definido, o que significa não haver outro pecado. A conclusão é a mesma que extraímos quando lemos João 14:6: **Respondeu-lhes Jesus: Eu sou O caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim.** Jesus está dizendo: **Eu sou O caminho....** Ora, isto quer dizer: é O único caminho, não há outro. Da mesma forma, O pecado é único, ou seja, aquele que Jesus se referiu ao anunciar a vinda do Espírito Santo.

Logo, pecado é a transgressão da lei divina, e o ser humano a transgride por desconhecimento e incredulidade. Uns por ignorância, falta de conhecimento e outros por não acreditarem no que está escrito na Palavra de Deus e para ambos há um só resultado: Condenação eterna.

Origem do pecado:

É este o quadro da história humana, da raça humana a partir de Adão após o tropeço, a desobediência e a transgressão à Palavra de Deus. Quando Deus lhe disse no Jardim do Éden: **E o SENHOR Deus lhe deu esta ordem: De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás** (Gn.2:16-17). A Bíblia Sagrada registra que o casal foi expulso do Jardim do Éden, sim, Deus os expulsou e por uma razão muito simples: Deus não queria que eles comessem da Árvore da Vida que estava no meio do Jardim, símbolo da pessoa de Jesus Cristo e da Vida Eterna: **Então, disse o SENHOR Deus: Eis que o homem**

se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal; assim, que não estenda a mão, e tome também da árvore da vida, e coma, e vida eternamente (Gn.3:22).

Este não lhe parece ser um triste quadro? Pense num pai colocando o filho para fora do lar e de seu aconchego! Se bem que Adão e Eva não eram filhos de Deus, mas criaturas, pois Adão havia sido feito do barro, enquanto Eva fora tirada de uma de suas costelas. Mesmo assim, não lhe parece doloroso ver o rompimento dos laços de comunhão até então existentes e agora nos deparamos com esta tomada de decisão da parte de Deus? O texto logo a seguir, de gênesis 3:24 faz o seguinte registro: **E, expulso o homem, colocou querubins ao oriente do jardim do Éden e o refulgir de uma espada que se revolia, para guardar o caminho da árvore da vida.** Fiz a afirmação de que a árvore da vida simboliza a pessoa de Jesus e a Vida Eterna, porque foi isto que Ele revelou a João na Ilha de Pátmos: **Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras no sangue do Cordeiro, para que lhes assista o direito à árvore da vida, e entrem na cidade pelas portas (Ap.22:14).**

Por conseguinte, o pecado teve sua origem materializada no Jardim do Éden, posto que a rebelião, de fato, começou no Céu, quando Satanás, até então, Querubim, se rebelou contra Deus e sendo jogado na terra, passou a idéia ao ser humano de que podia ser como Deus, conhecedor do bem e do mal, por isso lhes fez a oferta da árvore do conhecimento do bem e do mal em detrimento da árvore da vida, que podia lhes dar a vida eterna.

Pois bem, diante do quadro retratado, vemos que o pecado foi a causa de rompimento do relacionamento do homem com Deus. O pecado gerou a morte espiritual da raça humana: **Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram** (Romanos 5:12). Deus tinha um plano para resgatar o pecador, para reatar este relacionamento, para ressuscitar este homem morto espiritualmente. É necessário analisarmos o papel desempenhado pela lei já que o pecado é a transgressão da lei associado à incredulidade e isto faremos no capítulo a seguir.

Capítulo II O papel da lei

Conceito de lei:

Precisamos pensar num Deus que age dentro de um sistema legal, isto é, num ordenamento jurídico, com regras claras e definidas, para que ninguém alegue ignorância ou diga que foi pego de surpresa, pois tudo quanto Deus tinha para fazer em benefício da raça humana Ele o fez e consumou na pessoa do Senhor e Salvador Jesus Cristo, antes da fundação do mundo, tal como veremos.

Diante da afirmação de João de que o pecado é a transgressão da lei, preciso saber, então, qual o papel e a função desempenhada pela lei no contexto histórico, dentro do Reino de Deus. A ordem expressa de Deus à Adão é uma lei: ***E o SENHOR Deus lhe deu esta ordem: De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás*** (Gn.2:16-17). Vamos ao conceito de lei: ***Lei é preceito ou dispositivo, promanado do poder competente e provido de sanção***. Esta é a definição clássica de lei que encontramos em qualquer livro de Direito, portanto, é o conceito jurídico de Lei. Examinando atentamente esta definição, vemos que preceito é ordem e Deus deu uma ordem a Adão: ***não comerás***. Deus era e é o Poder competente, isto é, Ele tem poder para emanar a ordem da qual derivou a transgressão de Adão. Sendo o Poder competente, Deus pôde emitir uma ordem. Resta-nos assim analisar a sanção. Sanção significa pena ou punição. Diz o velho adágio jurídico que lei sem sanção não é lei, pois seus infratores podem descumpri-la que jamais serão punidos. Outro brocardo latino diz o seguinte: ***nullun crime, nulla poena sine lege***. Isto quer dizer: É nulo o crime e nula a pena sem lei que o defina e sem prévia cominação legal. Portanto, a sanção eivada da lei promulgada e promanada do trono da graça divina foi a morte espiritual de Adão e, por conseguinte, de toda raça humana. ***Porque, assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo*** (1Cor.15:23).

Sempre que paro para meditar no papel da Lei dentro do contexto Bíblico, gosto de analisar o capítulo 7 da Carta aos Romanos, pois ali, tem-se o quadro do homem natural, religioso, que procura agradar a Deus, que quer fazer a vontade de Deus, mas não consegue, pois o fazer decorre de lei, por isso, é impossível a qualquer pessoa neste mundo fielmente cumprir os preceitos da lei sem deles violar um só que seja.

A lei do pecado e da morte:

Em primeiro lugar, convém esclarecer que a morte com Cristo, descrita no capítulo 6 de Romanos, é absolutamente adequada para atender todas as nossas necessidades em relação a Deus. No capítulo 6, é a explicação sobre aquela morte, com tudo o que dela advém que está incompleta, pois ainda ignoramos a verdade manifestada no capítulo 7. O capítulo 7 nos é dado para explicar e tornar real para nós a declaração em 6. 14: ***“O pecado não terá domínio sobre vós; pois não es-***

tais debaixo da lei e sim, graça". O problema é que não conhecemos ainda o que é ser livre da Lei. Qual é, pois, o significado da Lei?

Quando falamos em Lei no sentido Bíblico, devemos pensar sempre na antítese que é Graça. Enquanto GRAÇA significa que Deus faz algo por mim, a Lei significa que eu quero fazer alguma coisa por Deus. Deus tem determinados requisitos santos e justos que Ele impõe sobre mim – isso é a Lei. Ora, se a Lei significa que Ele requer algo da minha parte, então ser liberto da Lei significa que Ele não requer mais coisa alguma de mim, porque Ele próprio fez a necessária provisão. A Lei implica em que Ele me isenta de ter de fazer alguma coisa, e que, em Sua Graça, Ele cumpre tudo quanto exigia de mim. Eu (o homem carnal de 7:14) não preciso fazer nada para Deus – é isso o que significa ser liberto da Lei. O problema em Romanos 7 consiste em que o - homem, na carne, procura fazer alguma coisa para Deus. Ao tentar agradar a Deus dessa maneira imediatamente se coloca sob a Lei e, com isso, a experiência descrita em Romanos 7 passa a ser de um religioso tentando agradar a Deus, mas não consegue.

À medida que procuramos compreender isso, deve ficar muito claro que a culpa não é da Lei. Paulo diz: **A lei é santa; e o mandamento, santo, e justo, e bom** (7:12). Não, nada há de errado com a Lei, mas há algo definitivamente errado em mim. As exigências da Lei são justas, a pessoa a quem são feitas não é justa. O problema não está em haver exigências injustas na Lei, mas no fato de eu não ser capaz de satisfazê-las. Sou um homem "**vendido à escravidão do pecado**" (v. 14). O pecado tem domínio sobre mim se eu estiver debaixo da Lei.

A lei revela o pecado, pois eu não saberia o que é pecado se a lei não o dissesse. A lei é o tipo normativo que descreve a conduta do agente e a tipifica conforme a vontade do legislador. Em outras palavras, somente sabemos o que podemos e o que não podemos; o que devemos e o que não devemos fazer em virtude de lei. No mundo espiritual as coisas não são diferentes. No versículo 12 o apóstolo, com toda veemência vai dizer que **a lei é santa e o mandamento, santo, justo e bom**. Deus não daria algo impuro ou injusto aos homens, pois Ele é santo e de uma fonte santa, limpa e justa não pode jorrar nada injusto ou impuro **Acaso, pode a fonte jorrar do mesmo lugar o que é doce e o que é amargoso? Acaso, meus irmãos, pode a figueira produzir azeitonas ou a videira, figos? Tampouco fonte de água salgada pode dar água doce** (Tiago 3:11-12).

A lei nunca poderá ser o meio que conduz à salvação. Pelo contrário, a lei nos conscientiza do pecado: **... visto que ninguém será justificado diante dele por obras da lei, em razão de que pela lei vem o pleno conhecimento do pecado** (Rm.3:20). A Lei condena o pecador: **Ora, sabemos que tudo o que a lei diz, aos que vivem na lei o diz para que se cale toda boca, e todo o mundo seja culpável perante Deus** (Rm.3:19). A Lei define o pecado como transgressão: **...porque a lei suscita a ira; mas onde não há lei, também não há transgressão** (Rm.4:15) **Porque até ao regime da lei há via pecado no mundo, mas o pecado não é levado em conta quando não há lei** (Rm.5:13). A Lei produz a ira de Deus e foi introduzida para que a transgressão fosse ressaltada: **Sobreveio a lei para que avultasse a ofensa; mas onde abundou o pecado, superabundou a graça...** (Rm.5:20). Assim, a justiça de Deus foi revelada no Evangelho completamente independente da lei: **...visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em**

fé, como está escrito: O justo viverá por fé. Mas agora, sem lei se manifestou a justiça de Deus testemunhada pela lei e pelos profetas. (Rm.1:17; 3:21). Embora a lei ajudasse a dar testemunho dele, do Evangelho, os pecadores são justificados por fé, na promessa da vida eterna, pela graça de Deus, não por observarem a lei, mas pela fé em Cristo: ***Onde, pois, a jactância? Foi de todo excluída. Por que lei? Das obras? Não; pelo contrário, pela lei da fé.*** (Rm.3:27). Essa fé confirma a lei: ***Anulamos, pois, a lei pela fé? Não, de maneira nenhuma! Antes, confirmamos a lei*** (Rm.3:31), ao dar a ela a sua função normal. Abraão ilustrou esse princípio, já que a forma como ele recebeu a promessa de Deus não foi mediante a lei, mas mediante a fé na promessa: ***Não foi por intermédio da lei que a Abraão ou a sua descendência coube a promessa de ser herdeiro do mundo, e sim mediante a justiça da fé.*** (Rm.4:13), portanto, o evangelho todo é mediante a promessa da graça e da fé, incompatível com a lei e as obras.

A lei revela o pecado, não a salvação. Esta afirmação que o apóstolo Paulo fez deixou em polvorosa os Judeus, pois se vangloriavam na lei e recitavam os salmos 19 e 119, onde sentiam imenso prazer em repetir que: ***os preceitos da lei eram mais desejáveis do que ouro, mais do que muito ouro depurado e mais doces do que o mel e o destilar dos favos.***

Então, como ousava o apóstolo denegri-la a tal ponto, promovendo o pecado em detrimento da justiça e a morte em detrimento da vida? Como podia pregar que alguém pudesse se libertar do jugo da lei? Como afirmar que não estamos mais debaixo do jugo da lei?

O que o apóstolo Paulo tencionou escrever aos cristãos com esta expressão: ***não estão debaixo da lei*** Rom. 6.14, é que estamos debaixo da graça, a antítese entre lei e graça indica que ele está se referindo à forma de justificação, que não se dá pela obediência à lei, mas pela misericórdia de Deus. Em Gl.5.18, porém, ele diz: ***Mas se sois guiados pelo Espírito, não estais sob a lei.*** Aqui, a antítese entre lei e Espírito indica que ele está se referindo à forma de santificação, que não se dá pelo nosso esforço em guardar a lei, mas pelo poder do Espírito que habita em nós – os que são regenerados. Assim, em se tratando da justificação, não nos encontramos mais debaixo da lei do pecado, mas da graça. E para sermos santificados, não dependemos da lei, mas do Espírito Santo. A lei moral é inculcada em nossas mentes, coração e natureza pelo Espírito Santo à esta estamos sujeitos – Lei do Espírito da Vida em Cristo, mas não à lei cerimonial – Lei do Pecado e da Morte, pois esta foi cumprida na cruz do calvário no corpo de Jesus.

A analogia do casamento

O apóstolo ainda faz uma analogia, uma comparação entre a lei e o casamento: ***Ora, a mulher casada está ligada pela lei ao marido, enquanto ele vive; mas, se o mesmo morrer, desobrigada ficará da lei conjugal.*** (Rm.7:2). Isto significa que pela Lei estávamos em Adão, e suas conseqüências, ou seja, os efeitos que ela produz na vida da Velha Criatura, que são escravidão e morte os quais não permitem a liberdade.

Vale dizer então que na velha aliança estávamos casados com Adão, identificados nele, e por isso a conseqüência era o pecado e a morte. Mas esse casamento

foi rompido com a morte de uma das partes, portanto, depois de morto, a lei não tem aplicação, quando morre o marido a mulher está livre para casar-se novamente, a lei não produz qualquer resultado ou sequer pode fazer qualquer exigência sobre aquele que morreu.

O apóstolo mostra que o regime da lei gera conseqüências de escravidão sobre a pessoa, não permitindo a ela que tenha liberdade de escolha e de vida, mas vive debaixo do pecado e da morte, sob o estigma da condenação eterna, ainda que queira praticar coisas boas, que tenha vontade de fazer o bem, de agradar a Deus, ela não consegue cumprir a lei e tampouco observar todos os seus preceitos, ante a inclinação natural para o mal: **Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir, pois não faço o que prefiro, e sim o que detesto** (Rm.7:15).

Este é o princípio legal. Ao fazer a analogia da lei com o casamento, Paulo está dizendo que quando estávamos casados com Adão, identificados em Adão, estávamos sujeitos às exigências da lei, ou seja, o pecado e a condenação eterna. E nessa condição não podíamos nos casar com Cristo – A Igreja é a Noiva e Esposa do Cordeiro: **Então, veio um dos sete anjos que têm as sete taças cheias dos últimos sete flagelos e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei a noiva, a esposa do Cordeiro** (Ap.21.9). Mas agora, com a vinda de Cristo, o último Adão, o Adão que veio do céu: **Pois assim está escrito: O primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente. O último Adão, porém, é espírito vivificante** (1Cor.15.45) - fomos incluídos em Seu Corpo e assim morremos para o primeiro Adão em quem estávamos inseridos e recebemos a identificação do segundo, somos identificados em Cristo, passamos a pertencer a Ele, a nossa frutificação agora é para Deus: **Assim, meus irmãos, também vós morrestes relativamente à lei, por meio do corpo de Cristo, para pertencerdes a outro, a saber, aquele que ressuscitou dentre os mortos, a fim de que frutifiquemos para Deus** (Rm.7:4), estamos livres do primeiro casamento: **Agora, porém, libertados da lei, estamos mortos para aquilo que estávamos sujeitos, de modo que servimos em novidade de espírito e não da caducidade da letra** (Rm.7:6), andamos em novidade de vida – NO ESPÍRITO SANTO -, não mais na velha forma da letra da lei do Antigo Testamento que trazia ordenanças e rituais que nunca podiam salvar ninguém e não podíamos cumprir: **Ora, visto que a lei tem sombra dos bens vindouros, não a imagem real das coisas, nunca jamais pode tornar perfeitos os ofertantes, com os mesmos sacrifícios que, ano após ano, perpetuamente, eles oferecem** (Heb.10:1)...**porque é impossível que o sangue de touros e de bodes remova pecados** (Heb.10:4) **Ora, todo sacerdote se apresenta, dia após dia, a exercer o serviço sagrado e a oferecer muitas vezes os mesmos sacrifícios que nunca jamais podem remover pecados...**(Heb.10:11).

A lei tem autoridade sobre alguém apenas enquanto ele vive. A morte traz libertação de todas as obrigações contratuais que envolvem a pessoa morta. Ninguém pode exigir a aplicação da lei sobre alguém que está morto, sobre um defunto, pois está sem vida, nada pode fazer ou cumprir perante a lei. A morte muda não apenas as obrigações da pessoa morta, mas também dos sobreviventes que com ela mantinham algum contrato. Paulo está chamando a atenção dos legalistas e dizendo: Vocês ignoram este princípio?

A morte modifica não apenas as obrigações da pessoa morta (que são canceladas), mas também as obrigações dos sobreviventes que com ela mantinham algum contrato. A mulher casada, morrendo o marido, fica desobrigada. O contrato, que faz lei entre as partes é claro: A lei a prende ao marido, mas a morte a liberta daquela lei. Todo **status** de mulher casada é desfeito com a morte do marido. Somente a morte garante a libertação da lei do casamento. O princípio estabelecido por Deus é: **só a morte rompe o vínculo do casamento** (Mat.19.6). Bem verdade que o divórcio, como lei humana, instituído pelos homens, tem este capricho, mas diante de Deus e para Deus, só a morte. O princípio se aplica ao casamento com Cristo, pois só a morte com o primeiro casamento, feito em Adão, pode romper o vínculo e nos permitir estarmos casados com Cristo. Nesse contexto, impossível haver bigamia no Reino de Deus, ou seja, é impossível estar casado com Adão e ao mesmo tempo ter relacionamento com Jesus Cristo. No mundo espiritual segundo o figurino divino, apenas a monogamia nos é permitida, jamais a bigamia e muito menos a poligamia. Impossível, portanto, estar casado com Jesus e com Adão ao mesmo tempo, é um ou outro: **Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro, ou se devotará a um e desprezará o outro...** (Mat.6:24).

Em que pese as leis humanas terem seu embasamento e princípio legal extraídos da lei divina, salvo com algumas variações e deturpações próprias da natureza decaída, a lei de Deus também reivindica o Senhorio de Jesus sobre nós. Antes estávamos casados com Adão – a lei, mas a morte do velho homem rompeu este contrato de casamento e nos libertou de seu jugo, por isso estamos livres para nos casarmos com Jesus Cristo, o Noivo e o Esposo da Igreja, e isso, graças à morte por meio de Seu Corpo.

A consequência disso é o andar em novidade de vida, no Espírito, expressando a Vida de Cristo: **Porque eu, mediante a própria lei, morri para a lei, a fim de viver para Deus. Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim.** (Gl.2:19-20). A morte dissolve o primeiro casamento, rompe seu vínculo, de tal forma que a pessoa está livre para casar-se novamente. Sem esta morte, não pode haver o segundo casamento que é com Cristo. É impossível submeter-nos à lei e à Cristo simultaneamente.

O nosso Senhor é Cristo e não mais a lei. A habitação de Cristo em nós é a marca que distingue o novo tempo em nossa vida, a Vida de Cristo, por isso servimos em novidade de Espírito, um novo espírito, o Espírito de Deus em nós.

A fragilidade da lei e o conflito do religioso

Após dizer que a lei não é responsável pelo pecado nem pela morte, Paulo passa a mostrar que nem por isso a lei pode ser responsabilizada pela nossa santidade. A lei é boa, mas também é fraca. Ela é santa, porque foi dada por Deus, mas não santifica ninguém, isto é, ninguém é santificado pela lei, pois não pode observar todos os seus preceitos. A lei retrata a inútil luta de quem ainda se encontra debaixo dela, sob seu regime. No regime da lei, as pessoas tentam encontrar uma orientação moral, mas estão erradas ao buscarem nela o poder de salvação e santificação, pois

não podem cumpri-la. Paulo conserva o pronome EU, mas muda o tempo dos verbos, usando-os no passado: **Antes eu vivia sem a lei, mas quando o mandamento veio...eu morri (9)**. Este foi o seu passado, sua experiência antes da conversão, mas agora, de repente, os verbos passam para o presente: **Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir; pois não faço o que prefiro, e sim o que detesto (15)**.

Um resumo bem condensado dos versículos 14-25 é: Uma pessoa religiosa que nada sabe sobre o Espírito Santo e vive na velha forma da lei. O perfil que Paulo traça é de um israelita (religioso de nossos dias) que ouviu falar da obra de redenção, mas vive debaixo da lei, e aqui, se incluem inclusive, os discípulos e muitos judeus, que viveram antes do Pentecoste e foram contemporâneos do apóstolo. Essas pessoas eram religiosas e guardavam relação com a lei. Esta linguagem é característica de quem gosta das coisas de Deus, mas não tem conhecimento da obra da cruz, da graça e do novo nascimento. Ocorre que estes religiosos anteriores ao Pentecoste, não tinham recebido o Espírito Santo, tampouco tinham conhecimento da salvação pela graça e se escoravam na lei à qual não tinham condições alguma de guardá-la. Pode-se afirmar que os cristãos anteriores ao período do Pentecoste, isto é à descida do Espírito Santo, tinham amor à lei, mas faltava-lhes o Espírito. Foi o que ocorreu quando Paulo chegando a Éfeso indagou dos discípulos: **...perguntou-lhes: Recebestes, porventura, o Espírito Santo quando crestes? Ao que lhe responderam? Pelo contrário, nem mesmo ouvimos que existe o Espírito Santo (At.19.2)**. E mesmo depois do Pentecoste, muitos judeus levaram algum tempo a se acostumarem com a mudança de regime da lei para a graça, das velhas formas da letra para o ministério do Espírito. Eles amavam a lei e não haviam compreendido que agora o Ministério é do Espírito Santo e não mais estão sujeitos ao jugo da lei. Não tinham compreendido que a justificação se deu pela fé em Jesus Cristo, mediante a graça e pela ação do Espírito, portanto, nenhuma correlação com a lei, que denunciava o pecado e impunha a pena ao pecador.

Daí a penosa luta, a humilhante derrota em razão da fragilidade da lei. Para enfatizar isso, Paulo se identifica com eles, falando da sua própria peregrinação e usa o pronome na primeira pessoa EU. Ele representa a impotência da lei através de uma dramatização em que são revividas experiências pessoais. Descreve o que acontece com qualquer um que tente viver de conformidade com a lei em vez de viver conforme o evangelho da graça. De quem pretende viver de acordo com a carne e não conforme o Espírito. A derrota que resulta disso não é culpa da lei, pois esta é boa, embora seja frágil. O culpado **é o pecado que habita em mim (17,20)** o poder do pecado que está tão impregnado em mim, que a lei não tem o poder de controlar. Só quando chegar a Romanos 8.9 e seguintes é que o apóstolo irá mencionar o **Espírito que habita em nós**, testemunhando ser este o único capaz de subjugar **o pecado que domina a natureza humana decaída**. Antes disso, ele fará referência específica à lei como enfraquecida pela carne, e irá declarar que o próprio Deus fez o que a lei, enfraquecida pelo pecado nunca conseguiu fazer, por isso Ele enviou Seu Filho para nos fazer morrer para a lei, caso contrário, seria esta interminável luta, mas as exigências da lei foram satisfeitas no Corpo de Jesus e agora, não andamos mais segundo a carne, mas segundo o Espírito: **Porquanto o que fora impossível a lei, no que estava enferma pela carne, isso fez Deus enviando o seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa e no tocante ao pecado; e, com efeito, condenou Deus, na carne, o pecado, a fim de que o preceito**

da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito (Rom.8.3-4). Somente quando o evangelho substitui a lei e o Espírito substitui a carne, é que a derrota dá lugar à vitória. Glórias sejam tributadas a Deus!!!

Se Paulo estava falando dos cristãos e judeus contemporâneos, qual a aplicação prática para nós? A explicação para nós é que hoje, há muitas igrejas e religiosos, vivendo o período do Velho Testamento, baseados na lei e não na graça. A contradição implícita indica o nível de contradição em que vivem. Dão sinais de novo nascimento ao demonstrarem amor por Jesus e pela Sua Palavra, mas sua religião é a lei e não a graça; é a carne (natureza adâmica) e não o Espírito; a escravidão às velhas formas da lei e não às normas do evangelho da graça, do amor e da misericórdia. São como Lázaro no momento em que saiu do túmulo: estava vivo, mas com as mãos e pés atados, precisava da libertação completa. Não experimentaram a libertação total que Cristo veio oferecer; tomaram o leite pela metade, diluído em água, falsificado e por isso não experimentaram o Poder de Deus em sua plenitude, são raquíticos, fracos, nanicos na fé: **...desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno lei espiritual, para que, por ele, vos seja dado crescimento para salvação...** (1Pe.2:2).

Não é sem razão que Deus já havia denunciado problema através do profeta Jeremias: **Curam superficialmente a ferida do meu povo, dizendo: Paz, paz; quando não há paz** (Jr.6:14). Ora, o que isto quer dizer? Quer dizer que há um bando de religiosos mercadejando a Palavra de Deus, vendendo um evangelho barato, diluído, sem compromisso e sem convicção; que não mostra ao pecador a sua condição de miserável e morto para Deus. Não leva o pecador à consciência de que não há Vida de Cristo sem a morte do Velho Homem e não há regeneração sem a troca de natureza pecaminosa pela natureza divina, mas que Deus já realizou toda esta Obra de Redenção na Cruz do Calvário em Cristo Jesus.

Depois de fazer uma descrição do conflito interior, identificando-se com os religiosos que estão debaixo da lei, o apóstolo faz um resumo da situação em termos de sua dupla realidade, e até aqui o Espírito Santo sequer é mencionado. Ele descreve essa dupla realidade em maneiras diferentes: são dois egos, duas leis e duas escravidões.

Vamos começar pelos dois egos: **Então, ao querer fazer o bem, encontro a lei de que o mal reside em mim (21)**. A antítese entre o EU que quer fazer o bem e o EU junto de quem se encontra o mal é mais óbvia na sentença original grega, em que há uma repetição de **emoi**, que significa em mim ou por mim. Parafrazeado, ficaria assim: **Quando em mim existe um desejo de fazer o bem, então o mal está bem à mão, porque ele está dentro de mim**. Assim, tanto o mal como o bem estão presentes ao mesmo tempo, pois ambos fazem parte de uma personalidade caída, da velha criatura, do homem que está em Adão, não regenerado, não nascido de novo.

Segundo: vêm as duas leis: **Porque, no tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus (22)**. Ela é objeto do meu amor e a fonte de meu gozo e alegria. Esse deleite íntimo na lei é chamado também de: **a lei da minha mente (23)**, porque minha mente, na verdade, aprova a lei de Deus, sabe que tudo que vem de

Deus é bom para o homem, o problema está no coração endurecido pelo pecado, resultado da velha natureza que precisa ser trocada. **Mas vejo, nos meus membros, outra lei que, guerreando contra a lei da minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros (23)**. Esta lei, Paulo chama de a lei do pecado que está constantemente guerreando contra a lei da mente que quer agradar e fazer a vontade de Deus, mas é um conflito constante: ***Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer*** (Gl.5.17). Assim, essa lei opera no íntimo do ser humano decaído, sem a vida do Espírito, porque na vida do regenerado essa situação muda radicalmente: ***Porque a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, te livrou da lei do pecado e da morte. E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências*** (Rom 8.2 e Gl.5.24).

Em seguida vêm os dois tipos de escravidão. Paulo conclui: **De maneira que eu, de mim mesmo, com a mente, sou escravo da lei de Deus, mas, segundo a carne, da lei do pecado (25b)**. Ser escravo da lei é estar debaixo de seu jugo, de suas normas e imposições. Ser escravo do pecado é estar sujeito à subserviência de Satanás. O conflito é terrível, pois o homem natural, religioso, tem consciência de que deve praticar coisas boas, e há muita gente boa, honesta, caridosa, bem intencionada etc, mas isto não é o suficiente para trocar a natureza maligna, corrupta e pervertida, de modo que este homem vê na lei de Deus, norma de conduta reta e moral, contudo, a natureza da qual é portador, o impede de cumprir os seus preceitos. O regenerado, por outro lado, não se encontra nesta condição, ele tem consciência de que foi libertado do pecado pela graça de Deus e agora se submete à lei da liberdade em Cristo Jesus.

Os dois tipos de escravidão: da lei e do pecado, retratam a dupla realidade dos que são dominados pelo pecado que neles habita; dos que não foram habitados pelo Espírito Santo, pois este, não é mencionado no capítulo 7, porquanto, aqui o apóstolo está tratando do papel da lei e suas conseqüências, o conflito que ela provoca na vida do religioso e não do regenerado. **A aplicação prática deste texto para os dias atuais consiste em verificar que os religiosos continuam debaixo do jugo da lei, tentando cumprir as velhas formas da letra (6) e não andam em novidade de vida (Vida de Cristo). Não crêem na suficiência de Cristo para suas vidas e na liberdade que só Jesus pode dar e já nos deu na Cruz por meio de Seu Corpo, quando nos incluiu na Sua morte, sepultura e ressurreição. Continuam casados com a lei, escravizados por ela, escravos do pecado e destinados à morte eterna. A habitação do Espírito Santo é que vai caracterizar a vida dos filhos de Deus, do regenerado, daquele que morreu e ressuscitou com Cristo, por isso vive na liberdade do Espírito, não na velha forma da lei. Estamos casados com Cristo ressurreto, fomos libertados da lei e da escravidão do pecado, por isso, a habitação do Espírito em nós produz fruto para o Senhor que nos libertou. Morremos e ressuscitamos com Cristo. (Rom.8.1-2): *Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus. Porque a lei do Espírito da Vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte.* Glórias a Deus por isso, em nome do Senhor Jesus.**

Capítulo III O novo regime

A lei não foi revogada:

Como vimos na análise do capítulo 7 de Romanos, o papel da lei, seu ciclo, objetivo e finalidade, vamos examinar o novo regime inaugurado com a morte e ressurreição de Jesus Cristo. De bom alvitre trazer a baila que Jesus não revogou a Lei: **Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir** (Mat.5:17). Uma pergunta se faz necessária: Por que Jesus não revogou a lei? Há duas razões fundamentais pelas quais Jesus não revogou a Lei. A Primeira é: **A alma que pecar, essa morrerá; o filho não levará a iniquidade do pai, nem o pai, a iniquidade do filho; a justiça do justo ficará sobre ele, e a perversidade do perverso cairá sobre este** (Ezequiel 18:20). Em se tratando de preceito estabelecido por Deus – Lei é preceito -, é certo que Deus não poderia voltar atrás na sentença proferida no Jardim do Éden, pois Ele não retrocede no que fala, mas cumpre a Sua Palavra, e esta sentença foi cumprida no Corpo de Cristo na cruz do calvário, daí a necessidade da inclusão de todos os pecadores: **E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo** (João 12:32). Jesus foi levantado na cruz e em Seu Corpo, naquela cruz, Ele atraiu a raça humana pecadora para desfazer a natureza pecaminosa, isto porque: **pois todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus** (Romanos 3:23). Portanto, a sentença proferida por Deus foi cumprida, executada no Corpo do Senhor Jesus, na cruz do calvário. A justiça de Deus é o cumprimento da lei, pois nenhum juiz faz justiça se não aplicar a lei **Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus** (II Cor.5:21). Nesse sentido, Deus aplicou a lei e Jesus a cumpriu, não a revogou. E se eu acredito que fui atraído no Corpo de Jesus naquela cruz (João 12:32) eu estava lá quando Ele foi crucificado, conseqüentemente, também cumpri a lei da morte do pecador em Seu Corpo, naquela cruz - Romanos 6:6-7: **sabendo isto: que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos; porquanto quem morreu está justificado do pecado**. Morte do Velho Homem, da velha natureza pecaminosa que herdamos de Adão.

Era necessária a morte da natureza Adâmica no Corpo de Jesus na cruz para que o corpo do pecado fosse destruído. Assim, a Bíblia Sagrada registra que a natureza que era a fonte geradora de pecados foi crucificada, morta e sepultada, para que, na ressurreição em Cristo, ressuscitasse com Ele o Novo Homem e assim, a imagem da qual devemos ser portadores não é a de Adão, mas a de Jesus (ICor.15:45-49): **Pois assim está escrito: O primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente. O último Adão, porém, é espírito vivificante. Mas não é primeiro o espiritual, e sim o natural; depois, o espiritual. O primeiro homem, formado da terra, é terreno; o segundo homem é do céu. Como foi o primeiro homem, o terreno, tais são também os demais homens terrenos, e, como é o homem celestial, tais também os celestiais. E, assim como trouxemos a imagem do que é terreno, devemos trazer também a imagem do celestial**.

A segunda razão pela qual Jesus não revogou a Lei é esta: ***Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito, porque a lei do Espírito da vida em Cristo Jesus, te livrou da lei do pecado e da morte*** (Rm.8:1-2). Devo partir do raciocínio lógico: Se não há condenação para os que estão em Cristo Jesus, segue-se que os que não estão em Cristo Jesus estão condenados. Mas Ele não veio para todos, com o propósito de salvar todos? Sim! Mas nem todos concordam com o que está escrito na Palavra de Deus e conseqüentemente não crêem na Obra Redentora consumada na cruz do calvário. Pois bem, se os que estão fora de Cristo por desconhecimento da obra ou por incredulidade, estão sujeitos à condenação, sucede que a Lei do Pecado e da Morte continua em vigor, Jesus me livrou da lei da condenação pela Lei do Espírito da Vida nEle, quando acredito que fui participante da mesma crucificação, morte e ressurreição.

A Lei do Espírito da Vida em Cristo

É interessante observar a vigência das duas leis; a coexistência de dois diplomas legais. Há um princípio fundamental no sistema legal, de que: ***A lei anterior é revogada pela posterior naquilo que com ela for incompatível ou dela tratar com maior abrangência.*** Ora, o que isto tem a ver com a Lei do Espírito da Vida em Cristo me livrar da Lei do Pecado e da Morte? Tudo. Se Jesus tivesse revogado a Lei do Pecado e da Morte, não haveria mais condenação alguma e todos estariam salvos, mas não é este o propósito de Deus e tampouco o que está escrito em Sua Palavra. A verdade é que, a Lei do Espírito da Vida em Cristo, me livrou da Lei do Pecado e da Morte quando eu dela tomei conhecimento e acreditei na suficiência da graça redentora em Cristo.

Logo, e sempre sob o prisma da lógica do razoável, toda pessoa que desconhece esta Obra, que ignora esta lei posterior, continua debaixo da primeira, sendo, portanto, o conhecimento da verdade e a fé na Palavra de Deus, elementos primordiais para a mudança de ***status: ...e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará. Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres*** (João 8:32 e 36). Como pode uma pessoa dizer que goza da liberdade em Cristo se ela continua escrava do pecado? Há um flagrante contra-senso e antagonismo neste pensamento. Se Jesus está garantindo que sendo Ele o libertador a pessoa vai gozar verdadeiramente da liberdade, não faz sentido e haverá incongruência a continuidade do regime de escravidão. A perfilhar por esta senda, Jesus não só libertou-nos do império das trevas, como também mudou o regime legal: ***Ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor, no qual temos a redenção, a remissão dos pecados*** (Col.1:13-14) ***Porque o pecado não terá domínio sobre vós; pois não estais debaixo da lei, e sim da graça*** (Romanos 6:14).

Glória a Deus que Jesus modificou o regime de escravidão para liberdade: ***Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes e não vos submetais, de novo, a jugo de escravidão*** (Gl.5:1). É por isso que houve mudança de regime, da Lei para a Graça. Todos os que estavam em Adão e nele continuam, estão debaixo do regime da Lei do Pecado e da Morte. Mas, os que acreditam que compartilharam da crucificação, morte e ressurreição em Cristo, gozam da verdadeira liberdade e estão sujeitos à Lei do Espírito da Vida em Cristo (Lei do Amor), que os livrou da condenação imposta pela primeira lei.

O Novo Mediador:

Cabe frisar ainda, no tocante a mudança de regime legal, que, com ele mudam-se todos os elementos constitutivos de sua base e efeitos. Noutras palavras: Quando há mudança de regime, haverá nova disposição e nova ordem. É isto que está registrado na Carta aos Hebreus 7:12: **Pois, quando se muda o sacerdócio, necessariamente há também mudança de lei.** Ainda nesse contexto, o autor da Carta aos Hebreus assim dispõe no capítulo 9:15: **Por isso mesmo, ele é o Mediador da nova aliança, a fim de que, intervindo a morte para remissão das transgressões que havia sobre a primeira aliança, recebam a promessa da eterna herança aqueles que têm sido chamados.** Ora, sendo Jesus o mediador desta Nova Aliança, devemos concluir que havia uma pendenga, uma rixa, uma disputa, uma querela e conseqüentemente havia inimizade entre o ser humano e Deus, em razão da transgressão da Lei. Não é sem sentido que o apóstolo Paulo escrevendo aos Efésios 2:14-16 assim discorreu sobre esta barreira: **Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos fez um; e, tendo derribado a parede da separação que estava no meio, a inimizade, aboliu, na sua carne, a lei dos mandamentos em forma de ordenanças, para que dos dois criasse, em si mesmo, um novo homem, fazendo a paz, e reconciliasse ambos em um só corpo com Deus, por intermédio da cruz, destruindo por ela a inimizade.**

É estreme de dúvidas que havia uma parede que separava o homem de Deus, essa parede chama-se **pecado**. O Cordeiro de Deus - JESUS -, imolado naquela cruz, teve por finalidade precípua, derribar esta parede e reconciliar o homem com Deus, de tal sorte que agora Ele é apresentado pelo autor da carta aos hebreus no texto acima referido como o mediador. Houve necessidade de um mediador e este não podia ser da mesma espécie, da mesma natureza – pecaminosa -, porque esta separou o homem da comunhão com Deus.

E mais, o texto de Hebreus 9:15 diz que foi necessária a morte para remissão das transgressões que havia sobre a primeira aliança. Sem a morte não se transmite herança, pois não há que falar-se em herança de pessoa viva, a herança é sempre deixada por alguém que morre daí porque, no versículo 16 de Hebreus 9 dizer: **Porque, onde há testamento, é necessário que intervenha a morte do testador; pois um testamento só é confirmado no caso de mortos; visto que de maneira nenhuma tem força de lei enquanto vive o testador.** Este princípio é universal e imutável, consta de todos os ordenamentos jurídicos, pois inexistente herança de pessoa viva. Deus, dentro de Sua onisciência e onipotência, providenciou a morte do testador antes mesmo da fundação do mundo: **...sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo, conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo, porém manifestado no fim dos tempos, por amor de vós que, por meio dele, tendes fé em Deus, o qual o ressuscitou dentre os mortos e lhe deu glória, de sorte que a vossa fé e esperança estejam em Deus** (IPedro 1:18-21). Costumo afirmar, lastreado neste texto, que a morte de Jesus ocorreu antes da fundação do mundo – pois Deus sabia que o homem não teria natureza para lhe obedecer - e sua materialização ocorreu a dois mil anos no

Calvário. É isto que Pedro está afirmando: **...manifestado no fim dos tempos, por amor de vós...** Com a mudança de regime, houve mudança de lei (Hb.7:12), cessaram os rituais que constavam da primeira aliança com o fito de purificação de pecados, que aliás, o próprio escritor de Hebreus diz que aqueles rituais não podiam remover pecado algum: **Ora, visto que a lei tem sombra dos bens vindouros, não a imagem real das coisas, nunca jamais pode tornar perfeitos os ofertantes, com os mesmos sacrifícios que, ano após ano, perpetuamente, eles oferecem (Heb.10:1)...porque é impossível que o sangue de touros e de bodes remova pecados (Heb.10:4) Ora, todo sacerdote se apresenta, dia após dia, a exercer o serviço sagrado e a oferecer muitas vezes os mesmos sacrifícios que nunca jamais podem remover pecados...(Heb.10:11).**

Se os rituais da antiga aliança impunham o dever ao ofertante, primeiro ao sacerdote que oferecesse sacrifício pela expiação de seus próprios pecados e depois pelos pecados da comunidade, segue-se que Jesus encampou em si a figura do Sumo Sacerdote: **Por isso, santos irmãos, que participais da vocação celestial, considerai atentamente o Apóstolo e Sumo Sacerdote da nossa confissão, Jesus...** (Hb.3:1). Na condição de Sumo Sacerdote, Jesus está diante do trono da graça de Deus para interceder por aqueles que à Ele se chegam, movidos pela fé na Sua Palavra: **Por isso, também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles. Com efeito, nos convinha um sumo sacerdote como este, santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores e feito mais alto do que os céus, que não tem necessidade, como os sumos sacerdotes, de oferecer todos os dias sacrifícios, primeiro, por seus próprios pecados, depois, pelos do povo; porque fez isto uma vez por todas, quando a si mesmo se ofereceu.**

O Novo Regime Legal:

A nova ordem legal, o novo regime, a nova aliança, o novo concerto de Deus com os homens, o pacto da graça, mediado pela pessoa do Senhor Jesus Cristo, trouxe novo modelo descritivo acerca do pecado, mostrando ao pecador a necessidade da cruz, sua inclusão no Corpo de Jesus como remédio, antídoto para o veneno injetado pela serpente do Jardim do Éden. Não que este modelo tenha sido omitido da antiga aliança, até porque, o apóstolo Paulo diz que ele fora testemunhado pela lei e pelos profetas: **Mas agora, sem lei, se manifestou a justiça de Deus testemunhada pela lei e pelos profetas; justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo, para todos e sobre todos os que crêem; por que não há distinção, pois todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus** (Romanos 3:21-23). O próprio Jesus quando se referiu a Obra que veio realizar em prol da raça humana, assim se expressou aos discípulos: **A seguir, Jesus lhes disse: São estas as palavras que eu vos falei, estando ainda convosco: importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos** (Lucas 24:44). Isto para nós soa como bálsamo a refrigerar a alma cansada do sistema religioso e do jugo imposto pelas lideranças, pelas denominações, pelas bandeiras que empunham sem apontar ao pecador a solução e o novo regime implantado a partir da vinda do nosso Senhor Jesus Cristo a este mundo.

Os textos compilados neste capítulo comprovam que Deus, desde o Jardim do Éden traçou ao homem o caminho da salvação e que este caminho sempre apon-

tou para a cruz, prova disso é que ainda dentro da Velha Aliança, Simeão, que era sacerdote no seu turno, pôde contemplar a concretização da promessa feita por Deus através da Lei, dos Salmos e dos Profetas: ***Agora, Senhor, podes despedir em paz o teu servo, segundo a tua palavra; porque os meus olhos já viram a tua salvação, a qual preparaste diante de todos os povos; luz para revelação aos gentios, e para glória do teu povo de Israel*** (Lucas 2:29-32).

Deus é justo e sempre tratou a raça humana com justiça e amor, quer na Antiga ou na Nova Aliança. Seu desejo é que todos sejam salvos e por isso utilizou a Lei dando ao homem a oportunidade de clamar, ansiar e desejar a salvação, diante da impossibilidade de ser salvo pelo cumprimento da Lei, pois esta nunca fora dada com o objetivo de salvar, mas sim, de mostrar ao pecador que lhe é impossível ser salvo cumprindo a lei. Demais disso, a Lei serviu para nos conduzir a Cristo: ***Mas, antes que viesse a fé, estávamos sob a tutela da lei e nela encerrados, para essa fé que, de futuro, haveria de revelar-se. De maneira que a lei nos serviu de aio para nos conduzir a Cristo, a fim de que fôssemos justificados por fé*** (Gl.3:23-24). Na Antiga Aliança a salvação apontava para a cruz de Cristo. Na Nova Aliança, a salvação aponta para cruz de Cristo. O mesmo Deus que agiu no passado, continua agindo à espera do pecador, que ele tome conhecimento da Verdade porque somente a Verdade o libertará.

Finalizando este capítulo, quero ainda transcrever mais um texto que encerra a questão do regime legal, desta feita, dito por João o Evangelista: ***Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo*** (João 1:17). Glória a Deus que houve mudança de regime, da lei para a graça, do pecado e da morte para a vida em Cristo Jesus, dos rituais sagrados para o sagrado ritual do descanso em Cristo. A barreira da inimizade foi destruída, não há mais necessidade de sacerdote para interceder em nosso favor, pois Jesus é o nosso Sumo Sacerdote. Não há mais o jugo do pecado, porque Jesus carregou sobre si naquele madeiro todos os meus pecados. Agora só há o doce convite do Mestre e Senhor da Vida: ***Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve*** (Mat.11:28-30).

Capítulo IV

A solução para o pecado

A cruz de Cristo:

Vimos nos capítulos anteriores a origem e definição do pecado; o papel da Lei no contexto Bíblico já que a definição de pecado é a transgressão da Lei. Vimos a mudança de regime, da lei para a graça e agora chegamos ao capítulo IV, onde vamos tentar condensar tudo quanto até aqui fora exposto, para vislumbrar a solução dada por Deus a fim de resolver, de forma definitiva esta questão, que como disse no preâmbulo deste livro, tem atormentado a vida do mundo religioso, mas aquele que recebe a graça da revelação, descansa, sabendo que tudo quanto Deus tinha para fazer em benefício do pecador, Ele o fez na cruz do calvário.

Gostaria de iniciar este capítulo exatamente com a cruz de Cristo. Escrevendo à Igreja de Corinto, na primeira carta, o apóstolo Paulo, ao discorrer sobre a mensagem da cruz assim o faz: ***Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus...Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus*** (I Cor. 1:18,22-24). Se pararmos para refletir sobre o que está escrito neste texto, vamos chegar à conclusão de que a cruz passa uma mensagem, e qual é esta mensagem? Cristo crucificado. Apenas Ele? Não! A raça humana foi crucificada com Ele. Daí a loucura da mensagem da cruz, mas isso para os gregos, que aqui simbolizam o mundo gentílico, representam aqueles que querem compreender a mensagem da cruz pelo raciocínio lógico, pelo intelecto, pelas normas da cognição e da razão, enquanto que a Palavra de Deus e as coisas espirituais são pela fé num primeiro plano, depois reveladas para serem compreendidas e entendidas num segundo prisma.

Os gregos, que na Grécia Antiga se constituíram no berço da civilização cultural, de onde vem a filosofia e que deram ao mundo os grandes filósofos, como Sócrates, Aristóteles, Platão e outros mais, queriam compreender a mensagem da cruz com sabedoria própria, mas, por faltar-lhes a fé e a conseqüente revelação, achavam-na loucura. Enquanto que para os Judeus esta mensagem era e continua sendo escândalo, pois como conceber que o Messias, sendo Rei, Senhor e Salvador, pudesse nascer numa estrebaria e ser subjugado pelo poder do Império Romano. Aquele que veio com a missão de cumprir as escrituras e trazer salvação ao Seu povo (Judeu), fora entregue às autoridades religiosas e cravado numa cruz. Não! Decididamente não poderia ser quem estava predito nas escrituras. A morte de cruz era a morte mais cruel e atroz que poderia existir; era um vexame e humilhação alguém ser condenado à morte de cruz, ainda mais exposto publicamente. Para eles o sentimento que isto traduzia se resumia numa só palavra: ***escândalo***.

Nesse contexto, os Judeus representam o mundo religioso, que busca evidências e caminha à procura de sinais, daí porque o apóstolo dizer que ***os judeus pedem sinais***. Da mesma forma que os gregos buscam sabedoria, os judeus pedem sinais, no entanto, as coisas espirituais são pela fé, nem pelo que se vê nem pelo

que se compreende, mas pela fé e isto já constava das escrituras: ***Eis o soberbo! Sua alma não é reta nele; mas o justo viverá pela fé*** (Habacuque 2:4).

Vemos que a cruz foi o palco, a mesa de cirurgia onde Deus extirpou de vez a natureza pecaminosa. O Corpo do Senhor Jesus foi ao mesmo tempo o invólucro a receber esta natureza decaída, para descer à sepultura e também o útero onde Deus gerou o Novo Homem, pois na Sua ressurreição, Deus nos ressuscitou juntamente com Cristo: ***...e, juntamente com ele, nos ressuscitou, e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus...*** (Efésios 2:6). Inútil seria levantar o problema, diagnosticar a doença, constatar seus males e efeitos devastadores sem apontar a solução. Ela existe? Sim! A solução para o pecado é definitiva e não paliativa; não é um analgésico para acalmar a dor, mas, é remédio eficaz que ataca e combate o mal pela raiz: ***...o qual se entregou a si mesmo pelos nossos pecados, para nos desarraigar deste mundo perverso, segundo a vontade de nosso Deus e Pai, a quem seja a glória pelos séculos dos séculos Amém*** (Gl.1:4-5)! Qualquer dicionário da língua portuguesa vai definir desarraigar como sendo: ***arrancar pela raiz***. E sabe por quê? Quando se arranca uma planta pela raiz, isto é, com raiz e tudo, ela jamais brotará. No entanto, se assim não fizermos e deixarmos raízes dessa planta no chão, com certeza ela brotará e trará à vida novamente a mesma espécie daquela planta, com sua natureza e frutos.

A Cruz de Cristo erradicou o pecado de uma vez

A mesma semelhança ocorre com o pecado. Jesus veio erradicar o pecado pela raiz, arrancando-o com toda a raiz, para que ele não brote mais, pois, se deixar alguma raiz, ele voltará à tona com sua natureza perversa e seus frutos diabólicos. Deus fez uma obra completa naquela cruz, depois de entregar um inocente e Santo à morte, pelos nossos pecados e por causa deles, não faria o trabalho pela metade e tampouco deixaria resquícios dele para correr o risco de ver sem eficácia o remédio ministrado, e diga-se, que lhe custou muito caro: ***Porquanto para isto mesmo fostes chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos, o qual não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em sua boca; pois ele, quando ultrajado, não revideava com ultraje, quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente, carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça; por suas chagas, fostes sarados*** (1Pedro 2:21-24). Enquanto esta verdade não se tornar uma realidade na sua vida, na minha vida e na vida de todo aquele que busca a verdade, não haverá Vida Cristã – Vida de Cristo -, pois estaremos lidando com paliativos, com analgésicos, estaremos tratando do problema de forma superficial, tentando combater seus efeitos sem atacar a causa. Sem combater o mal pela raiz, não haverá, jamais, mudança definitiva de caráter, de personalidade, de conduta e de vida espiritual, continuará sempre sendo o Velho Adão, sua natureza pecaminosa e a tendência para o mal. A contrário senso, a Vida de Cristo que é implantada na Nova Criatura, tende a levar o regenerado a frutificar para Deus, a buscar a glória de Deus, a louvar o seu Criador, Senhor e Salvador, pois houve troca de coração, de natureza, de propósitos, de pensamentos, de linguajar, de olhar, de visão e de posição, de senhorio e de Senhor, é a Nova Vida em Cristo que leva o

nascido de novo, o nascido de Deus a caminhar de forma que o mundo veja nele a Vida de Cristo e então podemos dizer que o nome do Senhor é exaltado e glorificado: **...levando sempre e por toda parte no corpo a morte de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo. Porque nós, que vivemos, somos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal** (II Coríntios 4:10-11).

Quando se chega ao conhecimento da verdade, da obra redentora que Deus realizou em favor da raça humana, há o incontido desejo e natural vontade de expressar a glória de Deus, de glorificar o SENHOR, de exaltar o Seu nome Santo e de dar à Ele toda honra, toda glória e todo louvor, pois chega-se à conclusão de que, se não fosse o amor de Deus manifestado naquela cruz, toda raça humana estaria condenada e destinada ao lago de fogo, por isso, a cruz é o lugar da exaltação. Pensar que a cruz foi o lugar onde o Rei da Glória foi coroado com uma coroa de espinhos e o pódio mais alto em que Ele subiu para receber o prêmio. Que o trono que lhe fora destinado foi o lugar onde Ele destronou os principados e potestades: **...tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz; e, despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz** (Col.2:14-15). O conhecimento desta verdade e realidade consumada na cruz leva o regenerado a bradar como fez o apóstolo Paulo: **Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo** (Gl.6:14). A ênfase é a cruz de Cristo, pois caso contrário começaremos a carregar a cruz para todo lado, no peito, no pescoço, na testa, na cabeça, no bolso, dentro da Bíblia, na porta da casa, e não é desta cruz que estamos falando, mas da cruz de Cristo, a cruz do meio, aquela onde Deus crucificou a Jesus e nós fomos crucificados com Ele: **sabendo isto: que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos; porquanto quem morreu está justificado do pecado.** (Romanos 6:6-7). Morte do Velho Homem, da velha natureza pecaminosa que herdamos de Adão.

Para discorrer sobre a solução dada por Deus ao pecado, de forma definitiva, não podemos omitir o princípio que norteia toda esta questão, que, por passar despercebido do meio religioso, gera tanta confusão. É o princípio da morte e ressurreição. Veja que estamos tratando de princípio, não mais de lei ou preceito, isto porque, é assente no mundo jurídico, que lei ou preceito são mutáveis, passíveis de alteração, enquanto que os princípios são imutáveis, aconteça o que acontecer, ninguém derroga ou modifica um princípio. Muito mais em se tratando de princípio Bíblico, divino, santo e, portanto, Sagrado.

Princípio da Morte e Ressurreição:¹

...levando sempre e por toda parte o morrer de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo. Porque nós, que vivemos, somos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal (II Coríntios 4:10-11).

¹ Watchman Nee – A Vida Cristã Normal

Todo este princípio está insculpido na Bíblia Sagrada, do Livro de Gênesis ao Livro de Apocalipse. Nenhum cristão será verdadeiramente cristão, sem conhecer e experimentar este princípio. O próprio Senhor Jesus o experimentou e viveu na prática o princípio da morte e ressurreição. Antes de iniciar Seu Ministério Público Jesus se submeteu ao batismo. Isso não porque tivesse qualquer pecado ou precisasse de purificação, mas porque o batismo encerra uma figura de morte e de ressurreição. Jesus não começou Seu ministério até que, em figura, se encontrasse nessa posição. Somente após o batismo e voluntariamente assumir a posição de morte e ressurreição, é que o Espírito Santo veio sobre Ele, e então passou a ministrar.

Qual a lição ou resultado prático que daqui extraímos? Jesus foi um homem sem pecado. Nenhum outro homem pisou a terra sem conhecer o pecado. Todavia, como homem, Sua personalidade era diferente da do Pai. Examinemos as palavras que Ele proferiu: ***Eu desci do céu, não para fazer a minha própria vontade, e sim a vontade daquele que me enviou*** (João 6:38). O que significa isso? Jesus não tinha vontade própria? Sim, Ele possuía vontade, como Suas próprias palavras demonstram. Como Filho do homem possuía vontade, mas não a exerceu, porque veio fazer a vontade do Pai. Então, esse é o cerne da questão. O elemento nEle que é distinto do Pai é a alma humana, que recebeu quando ***foi reconhecido em figura humana*** (Fp.2:7). Sendo homem perfeito, Ele tinha uma alma e um corpo, como nós o possuímos, portanto era-Lhe possível agir ***a partir de Sua alma*** – isso é, agir por Si mesmo.

Após o batismo de Jesus e antes do começo de Seu ministério público, Satanás veio tentá-LO (Mat.4:1-11). Tentou-O a satisfazer Suas necessidades essenciais transformando pedras em pães, a garantir respeito imediato por Seu ministério aparecendo miraculosamente no pátio do Templo e a assumir, sem demora, o domínio mundial que a Ele estava destinado. Sentimo-nos inclinados a inquirir as razões que levaram Satanás a tentar o Senhor a fazer coisas tão estranhas. Você talvez pense que Satanás poderia tentá-LO de modo mais radical, no entanto não o fez. Satanás, sendo perspicaz, apenas disse ao Senhor: ***“Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães”*** (Mat.4:3). O que significava isso? A implicação era esta: “Se Tu és o Filho de Deus, deves fazer alguma coisa para prová-lo. Eis um desafio. Alguns certamente questionarão se a declaração sobre Ti é real. Por que não esclareces o assunto agora, de forma conclusiva, manifestando—Te e provando, dessa forma, quem Tu és?”

A intenção sutil de Satanás era fazer com que Jesus agisse por Si mesmo – isto é, com base na alma -, e, pela atitude que assumiu. O Senhor Jesus repudiou totalmente tal ação. Mas preste atenção: Em Adão, o homem agira por si mesmo, separadamente de Deus; daí resultou toda a tragédia do Jardim. Agora, numa situação semelhante, o Filho do homem toma atitude bem diferente. Mais tarde, Ele a define como Seu princípio fundamental de vida: ***“O Filho nada pode fazer a partir de si mesmo”*** (João 5:19). Essa total negação da vida da alma governou todo Seu ministério.

Podemos, portanto, dizer com absoluta segurança que toda a obra que o Senhor Jesus fez na terra, antes de Sua morte na cruz, foi feita tendo por base o princípio de morte e ressurreição, embora, como acontecimento real, o Calvário ainda se

situasse no futuro. Tudo o que Ele fez foi nesse plano. Mas, se o Filho do homem tem de passar pela morte e ressurreição (em figura e em princípio) a fim de realizar Sua obra, pode acontecer conosco de forma diferente? Nenhum cristão pode servir ao SENHOR sem conhecer, na própria vida, a operação desse princípio. Certamente está fora de cogitação.

A morte de Cristo opera para nos libertar do poder do pecado crucificando o nosso velho homem (Rm.6:6) para que daí em diante não mais sirvamos ao pecado. Indo mais longe, surge a questão da vontade do eu. Descobrimos a morte operando dessa forma em nós para produzir em nós um desejo de abrir mão de nossas próprias escolhas e obedecer a Ele. Isso, de fato, constitui-se no ponto de partida da vida cristã, mas ainda assim não toca no cerne da questão, porque ainda pode haver ignorância quanto ao significado da alma.

Há uma grande diferença entre “a carne”, como referida em Romanos 7 em relação à santidade de vida, e a operação das energias naturais da vontade da alma no serviço do Senhor. Sabendo de tudo isso, e, conhecendo em experiência, ainda há mais uma esfera na qual a morte do Senhor deve operar antes que possamos ser verdadeiramente úteis ao Reino de Deus. Pois mesmo com todas essas experiências ainda não podemos ser usados com segurança, até que mais esse passo seja dado. Devemos ver agora como o Senhor propõe-se a tratar da alma e, em seguida, como isso afeta o ministério da reconciliação.

Efeitos da cruz de Cristo²

Vamos considerar quatro passagens do Evangelho: Mateus 10:34-39; Marcos 8:32-35; Lucas 17:32-35 e João 12:24-26. Essas quatro passagens têm algo em comum. Em cada uma delas, o Senhor fala-nos acerca da atividade da alma do homem, e algo se diz quanto a algum aspecto ou manifestação da vontade da alma. Nesses versículos, Ele deixa muito claro que a alma do homem pode ser tratada de uma maneira, e de uma maneira somente, e essa consiste em levarmos a cruz cada dia e em O seguirmos (Lucas 9:23-24).

A vontade da alma, ou seja, a vida natural é algo mais do que aquilo que diz respeito ao velho homem ou à carne. Devemos tornar claro que, quanto ao homem, Deus salienta aquilo que Ele fez de uma vez para sempre ao crucificar-nos com Cristo na cruz (Gl.2:19-20). Vimos que três vezes na Epístola aos Gálatas se faz referência ao aspecto “crucificador” da cruz como algo já realizado e cumprido. Em Romanos 6:6, temos a declaração patente de “foi crucificado ele o velho homem” e, parafrazeando da seguinte maneira (que leva em conta o significado do tempo do verbo), podemos dizer: “Nosso velho homem foi crucificado, finalmente e para sempre”. É algo que está feito, e que deve ser apreendido por revelação divina e recebido por um ato de fé.

A expressão “tomar a sua cruz cada dia” implica um novo aspecto da cruz. A cruz levou-me sobre ela; agora eu devo levá-la. Esse carregar é algo que ocorre no meu interior. É o que queremos dizer quando falamos do efeito da cruz de Cristo. Além disso, é um processo; é segui-LO passo a passo. É isso que nos é apresenta-

² Watchman Nee – A Vida Cristã Normal

do com respeito à alma, com uma ênfase que não é exatamente como a dada ao velho homem. Não temos aqui a “crucificação” da alma em si, no sentido de que nossos dons e faculdades naturais, nossa personalidade e nossa individualidade têm de ser inteiramente deixadas de lado. Se assim fosse, dificilmente poderia dizer-se a nosso respeito, como em Hebreus 10:39, que “devemos” ter fé para a conservação da alma” (compare IPe 1:9; Lc. 21:19). Não perdemos nossa alma nesse sentido, pois, se assim fosse, isso significaria perder completamente nossa existência individual. A alma ainda está presente com seus talentos naturais, mas a cruz é chamada a exercer sua ação sobre aqueles talentos naturais para levá-los à morte – para colocar a marca da morte de Cristo sobre eles – e, a partir desse momento, segundo a vontade de Deus, restituir-nos os mesmos talentos em gloriosa ressurreição.

É nesse sentido que Paulo, escrevendo aos Filipenses, expressa o desejo: **“Para o conhecer, e o poder da sua ressurreição, e a comunhão dos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte”** (Fp.3:10). A marca da morte está continuamente sobre a alma, para trazê-la à posição em que esteja sempre subordinada ao Espírito e de nunca se afirmar independentemente. Somente a cruz, operando dessa maneira, podia fazer um homem como Paulo e com os recursos naturais referidos em Filipenses 3, perder de tal maneira sua força própria e natural que chegasse a escrever aos Coríntios: **“Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado. E foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu estive entre vós. A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana e sim no poder de Deus”** (1Co 2:2-5).

A alma é o centro das afeições, e grande parte de nossas decisões e ações é por elas influenciada! Note-se que nada há de deliberadamente pecaminoso nelas; trata-se, porém, de haver em nós algo que se pode externar em afeição natural a outra pessoa e que, sem ser governada pelo Espírito, pode influenciar erradamente todo o curso da nossa ação. Assim sendo. Nas quatro passagens, o Senhor tem de dizer: **“Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim; e quem não toma a sua cruz e vem após mim não é digno de mim”** (Mt 10:37, 38). Notemos que aqui se demonstra que seguir o Senhor, no caminho da cruz, é Seu plano normal para nós, o único caminho que Ele nos aponta. Qual é o resultado imediato? **“Quem acha a sua vida perdê-la-á; quem, todavia, perde a vida por minha causa achá-la-á”** (v.3).

Alguns de nós conhecemos bem o que significa perder a vontade da alma. Já não podemos simplesmente satisfazer seus desejos; não podemos ceder à sua vontade gratificando-a. Isso é a perda da vontade alma. Passamos por um processo doloroso para desencorajar aquilo que a alma pede e que nos impede de seguir o Senhor até o fim. Somos detidos por causa de alguma afeição perfeitamente natural que nos desvia da carreira proposta em Cristo Jesus. Sim, a feição humana desempenha um papel muito grande em nossa vida, e a cruz tem de intervir e realçar sua obra purificadora.

Muita das vezes temos de chegar ao ponto de nos dispor a renunciar coisas que pensamos serem boas e preciosas – sim, talvez: mesmo as próprias coisas de Deus – para que Sua vontade possa ser feita. O autor da Carta aos Hebreus escrevendo acerca da obra realizada por Jesus e como a Seu respeito constava das Escrituras Sagradas coloca no centro da razão o fazer a vontade de Deus: ***Então, eu disse: Eis aqui estou (no rolo do livro está escrito a meu respeito), para fazer, ó Deus, a tua vontade*** (Hb.10:7).

Esse é um verdadeiro desapego das coisas. O assunto em questão sempre é: onde está meu coração? A cruz tem de operar em nós um verdadeiro desapego em espírito de tudo e de todos com exceção do próprio Senhor.

Mesmo nessa situação, entretanto, ainda estamos apenas tratando dos aspectos mais exteriores da atividade da vontade da alma. A alma entregue às suas afeições, a alma impondo-se querendo manipular as coisas, a alma preocupando-se com as coisas deste mundo: essas pequenas coisas ainda não chegam ao cerne da questão. Há algo ainda mais profundo que precisa ser explicado.

A eficácia da cruz de Cristo³

Leiamos novamente João 12:24,25: ***Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, produz muito fruto. Quem ama a sua vida [no grego, “alma”, como nas passagens anteriores] perde-a; mas aquele que odeia a sua vida (alma) neste mundo preservá-la-á***.

Trata-se aqui da operação interior da cruz, ou seja, a perda da vontade da alma relacionada e assemelhada ao aspecto da morte do Senhor Jesus Cristo que vimos ilustradas pelo grão de trigo – Sua morte visando à multiplicação. O objetivo em vista é a abundância de frutos. Há um grão de trigo com vida em si, mas ele fica só. Tem o poder de comunicar vida a outros; mas, para fazê-lo, tem de descer à morte.

Ora, sabemos o caminho que o Senhor Jesus tomou. Ele passou pela morte e, como já vimos Sua vida emergiu em muitas vidas. O Filho morreu e apareceu como o primeiro de muitos filhos. Ele deu vida para que pudéssemos recebê-la. E nesse aspecto da Sua morte somos chamados a morrer. É nesse ponto que Ele torna claro o valor da conformidade com Sua morte, pela qual perdemos nossa própria vontade natural a fim de que, no poder de Sua ressurreição, nos torne aqueles que comunicam vida, partilhando com os outros, daí em diante, essa nova vida de Deus está em nós. Esse é o segredo do ministério; é o caminho da verdadeira frutificação para Deus. Como Paulo diz, ***“nós, que vivemos, somos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal. De modo que, em nós, opera a morte, mas, em vós, a vida”*** (2Co 4:11- 12).

Estamos chegando ao cerne do assunto. Aqueles que estão em Cristo têm uma nova vida. Graças a Deus pela realidade da Sua vida em nós! Mas por que a

³ Watchman Nee – A Vida Cristã Normal

expressão dessa vida é tão pequena em alguns? Por que há o ficar só? Por que essa vida não está emanando abundantemente, comunicando vida a outros? Por que se manifesta tão pouco mesmo em nossa própria vida? A razão por que há tão pouco sinal de vida onde ela está presente é que a vontade da alma nos envolve e limita essa vida (como a casca envolve o trigo), a ponto de ela não conseguir achar uma saída. Estamos vivendo pela vontade da alma, trabalhando e servindo em nossa própria força natural, em vez de derivar de Deus nossos recursos. É a vontade da alma que impede a vida de Cristo de fluir. Percamos a vontade da alma, porque nesse caminho encontra-se a plenitude da Vida de Cristo.

A noite escura – uma manhã de ressurreição ⁴

A alma com sua reserva de recursos e energia naturais continuará conosco até nossa morte. Até então, haverá a interminável e diária necessidade de a cruz operar em nós, tragando profundamente aquela fonte natural. Essa é a condição que persiste por toda uma vida de serviço, colocada por Jesus com as seguintes palavras: **Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me** (Lucas 9:23). Nunca poderemos dispensá-la. Aquele que se esquivar dessa condição **“não é digno de mim”** (Mat.10:38) e **“não pode ser meu discípulo”** (Lc 14:27). A morte e a ressurreição devem permanecer como um princípio de nossa vida para a perda da vontade da alma e a manifestação do Espírito de Vida.

Todavia, pode haver também aqui uma crise que, uma vez ultrapassada, pode transformar toda a nossa vida e dedicação no Reino de Deus. É uma porta estreita pela qual podemos entrar em um caminho inteiramente novo. Uma crise dessa natureza ocorreu na vida de Jacó em Peniel. Era o **“homem natural”**, em Jacó, que procurava servir Deus e alcançar seus propósitos. Jacó bem sabia que Deus dissera: **“O mais velho servirá o menor”**, mas ele procurava alcançar esse objetivo por meio de sua própria astúcia. Deus tinha de anular a força natural em Jacó, e Ele o fez quando lhe tocou no nervo da coxa. Daí em diante, Jacó continuou a andar, mas permaneceu coxo. Tinha pés e podia usá-los; no entanto, sua força fora tocada, e ele coxeava por causa de uma lesão da qual nunca se estabeleceria completamente.

Deus tem de nos levar a um ponto por meio de um a experiência profunda e escura, o esvaziamento total e completo do EU, do poder natural em sua essência, de forma que não mais ousamos confiar em nós mesmos. Ele deve tratar com alguns de nós de maneira diferente, levando-nos por caminhos difíceis e dolorosos, a fim de nos fazer chegar lá. É aí então que Ele pode começar a nos usar.

E é assim. O Senhor sabe o que está fazendo com aqueles que Lhe pertencem, e não deixou de atender nenhuma de nossas necessidades na Sua cruz, afim de que a glória do Filho possa manifestar-se nos filhos. Os discípulos que já percorreram esse caminho podem fazer eco sincero às palavras de Paulo, que pôde afirmar que servia a Deus em seu **“espírito, no evangelho de seu Filho”** (Rom.1:9). Aprenderam como ele, o segredo de tal ministério: **“Nós que adoramos a Deus no Espírito, e nos gloriamos em Cristo Jesus, e não confiamos na carne”** (Fp.3:3). Afirma ainda o apóstolo com convicção: **Tenho, pois, motivo de gloriar-me em**

⁴ Parte deste tópico foi extraída do livro “A Vida Cristã Normal” – Watchman Nee.

Cristo Jesus nas coisas concernentes a Deus. Porque não ousarei discorrer sobre coisa alguma, senão sobre aquelas que Cristo fez por meu intermédio, para conduzir os gentios à obediência, por palavra e por obras (Rm.15:17-18). Isso é serviço espiritual. (boa parte deste tópico foi extraída do livro “A Vida Cristã Normal” – Watchman Nee).

Trabalho em vão

Princípio da morte e ressurreição, sem o qual, toda tarefa desempenhada sem a morte do velho homem e sem a ressurreição do novo homem, é em benefício da alma – homem natural -, e para Deus não tem valor algum. Este princípio foi ilustrado pelo apóstolo Paulo quando escreveu aos Coríntios: ***Insensato! O que semeias não nasce se primeiro não morrer...*** (1Cor.15:36). Há muita gente bem intencionada dizendo que está trabalhando para Deus – Deus não precisa de trabalhadores, pois quando Ele criou todas as coisas, o fez sozinho - em Trindade, sem a participação humana – e esta gente não se dá conta de que Deus é SENHOR, soberano e absoluto, realizou tudo sem o concurso e sem a participação do homem. Aliás, diga-se, quando o homem pretende dar uma mãozinha para Deus, o máximo que consegue fazer é retardar Seus planos. Foi assim que ocorreu com Sara ao sugerir a Abraão que coabitasse com Hagar para acelerar o cumprimento da promessa que Deus havia feito de lhes dar um filho. O resultado da ação de Sara é visto até hoje na batalha travada no Oriente Médio.

Assim, há muita gente bem intencionada, achando que está trabalhando para Deus e na verdade está atrapalhando Deus. Certa feita, os discípulos indagaram de Jesus o que era necessário para realizar as obras de Deus, e veja o que Jesus respondeu: ***Dirigiram-se, pois, a ele, perguntando: Que faremos para realizar as obras de Deus? Respondeu-lhes Jesus: A obra de Deus é esta: que creiais naquele que por ele foi enviado*** (João 6:28-29). O simples ato de crer já é uma tarefa tão difícil, pois até para isso necessitamos da intervenção divina, porquanto, o homem natural não tem fé para crer na palavra de Deus, é preciso o próprio Deus intervir, permitir-lhe ouvir Sua Palavra para que ela gere fé no coração do ouvinte: ***E, assim, a fé vem pelo ouvir e ouvir a palavra de Deus*** (Rm.10:17). Portanto, sem a morte da velha natureza, da natureza adâmica, não há solução para o pecado, e nesse sentido, há muito pecador querendo fazer a obra de Deus como se fosse possível trabalhar para Deus, quando Jesus limitou-se a responder que a obra de Deus é que creiamos nEle.

Acreditar nEle simplesmente não basta, não é a solução, pois nesse particular o melhor crente que existe é o diabo: ***Crês, tu, que Deus é um só? Fazes bem. Até os demônios crêem e tremem*** (Tiago 2:19). Diante de Deus e Sua Palavra o diabo estremece porque conhece o Seu poder, enquanto o homem natural sequer dá a mínima para o que Deus fala. Não há conotação pejorativa alguma nessa colocação, tampouco a intenção de ofender quem quer que seja, até porque, a palavra crente vem do verbo crer, e quer dizer: Aquele que crê, que acredita, etc. Não encontrei na Bíblia ninguém mais crente que o diabo. Tiago está tratando dos crentes, pois está fazendo a pergunta: ***Crês tu, que Deus é um só?*** Ora, quanta gente sincera há nessa condição: ***Eu creio em Deus!*** Isto não basta, por isso o apóstolo Paulo diz no texto acima mencionado de 1Cor.15:36: ***Insensato!*** O sinônimo para insensato é: ***Louco!*** É a mesma palavra usada por Jesus em Mateus 7:26 e Lucas 12:20. No

primeiro texto Jesus disse que aquele que constrói a casa sobre a areia é louco, porque ela não resistirá às tempestades. No segundo caso, Jesus disse que aquele que só pensa nas coisas deste mundo e para esta vida, também é louco.

Síntese do princípio da morte e ressurreição:

Logo, a conclusão que posso extrair dentro do princípio da morte e ressurreição, é que a questão vai além de simplesmente crer que Deus existe e que Ele é um só, que Jesus veio a este mundo e que morreu numa cruz. A questão passa pelo conhecimento completo da obra que Ele veio realizar e da qual participei, porque fui incluído em Seu corpo naquela cruz: ***Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante? De modo nenhum! Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos? Ou, porventura, ignorais que todos nós que fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte? Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida. Porque, se fomos unidos com ele na semelhança da sua morte, certamente, o seremos também na semelhança da sua ressurreição, sabendo isto: que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos; porquanto quem morreu está justificado do pecado*** (Romanos 6:1-7).

Aqui está o ponto crucial da questão, não ignorar este fato, este acontecimento e esta obra que foi realizada por Cristo na cruz do calvário. O desconhecimento dela mantém as pessoas na ignorância e clamando a Deus perdão pelos seus pecados, quando Deus já nos perdoou em Cristo na cruz: ***E a vós outros, que estáveis mortos pelas vossas transgressões e pela incircuncisão da vossa carne, vos deu vida juntamente com ele, perdando todos os nossos delitos; tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz*** (Colossenses 2:13-14). E tem mais, diz Deus em Sua Palavra que todo aquele que toma conhecimento desta obra, com ela concorda e lhe pede fé para crer, Ele não somente resolve o problema da alma em definitivo, como não mais se lembra de seus pecados: ***Esta é a aliança que farei com eles, depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei no seu coração as minhas leis e sobre a sua mente as inscreverei, acrescenta: Também de nenhum modo me lembrarei dos seus pecados e das suas iniquidades, para sempre. Ora, onde há remissão estes, já não há oferta pelo pecado*** (Heb.10:16-18). Os nossos pecados foram remidos, a natureza pecaminosa com a qual nascemos nos impulsionava para o mundo pecaminoso, mas graças a Deus que ela foi removida na cruz, no corpo do Senhor Jesus, morreu e foi sepultada. Houve remissão de pecados com a morte do ente Santo de Deus naquele madeiro, e a oferta foi suficiente: ***Nessa vontade é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas*** (Heb.10:10). Sendo Jesus a oferta que Deus aceitou para resolver o problema o pecado da raça humana, o seu sangue nos purificou de toda imundícia. Sua morte rompeu a parede que nos separava da comunhão com o Pai; o véu do santuário se rompeu de alto abaixo como prova e garantia de livre acesso ao Senhor, depois de tudo isso, e de toda esta obra salvífica, se eu continuar pedindo a Deus que perdoe os meus pecados, inconscientemente, por dureza de coração ou por ignorância, estou dizendo que não acredito no que já foi realizado com este propósito. E mais, estou trazendo à memória de Deus algo que

Ele diz não se lembrar mais: ***Também de nenhum modo me lembrarei dos seus pecados e das suas iniquidades, para sempre.*** É um insulto dizer para Deus que você não concorda, porque que vive neste mundo e, portanto é pecador salvo por Cristo, que precisa de Seu perdão. Você pode não concordar, mas está indo contra a Palavra de Deus se assim pensar, agir e afirmar, pois a obra foi consumada, nada Deus deixou para ser feito ou complementado: ***Quando, pois, Jesus tomou o vinagre, disse: Está consumado! E, inclinando a cabeça, rendeu o espírito*** (João 19:30).

Pense bem! Jesus é o Cordeiro imolado, que veio com a missão de livrar o ser humano da condenação que a Lei exigia. Com Sua morte, inaugura uma Nova Aliança, implanta um Novo Regime, Deus promulga uma nova Lei, a obra é consumada, sancionada com sangue vertido na cruz e você diz que não acredita, ou que a questão não é bem assim? Não! Mil vezes não! Não posso concordar, pois se assim o fizer, estarei dizendo para Deus que Ele não resolveu o problema do pecado, a despeito de tudo quanto está escrito em Sua Palavra. Permita-me ilustrar com um exemplo: Alguém vai ao médico e ele detecta que este alguém está com pneumonia. Prescreve o tratamento que é seguido à risca, toma a medicação da forma como consta da receita e depois de algum tempo, retorna e o médico diz: Finalmente, estás curado! Oh aleluia! Ocorre que, depois de alguns meses esta pessoa vem a óbito, vítima da pneumonia, a pergunta é: Ela foi curada? Evidente que não!

A comparação serve para ilustrar a questão do pecado que tem atormentado a vida do povo religioso – não daquele que recebeu a revelação – pois continua clamando a Deus perdão pelos seus pecados diante da afirmativa da Palavra de Deus: ***Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo*** (João 1:29). Devo acreditar que Ele tirou o não? Você pode estar dizendo: Mas eu continuo neste mundo e sujeito a pecar. A resposta é: Você não crê no que está escrito na Palavra de Deus. Vejamos ainda o que ela diz: ***Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não vive em pecado; antes, Aquele que nasceu de Deus o guarda, e o Maligno não lhe toca*** (1João 5:18). Posso acreditar e descansar ou não? A questão é, se você acreditar, a Bíblia Sagrada diz que você nasceu de novo, é uma pessoa regenerada e, portanto, sobre você repousa a ação do Espírito Santo e a Vida de Cristo, caso contrário, a Bíblia está dizendo que você faz Deus mentiroso: ***Aquele que crê no Filho de Deus tem, em si, o testemunho. Aquele que não dá crédito a Deus o faz mentiroso, porque não crê no testemunho que Deus dá acerca do seu filho*** (1João 5:10). Costumo sempre ilustrar este texto com a seguinte comparação: Você tem a escritura pública de uma propriedade que adquiriu e a legislação pátria diz que todas as pessoas do mundo devem se curvar e respeitar aquela propriedade porque está escriturada e registrada em seu nome. Mas a escritura e o registro daquela propriedade foram feitos por homens, de acordo com a legislação humana e você confia, acredita e pode se indispor contra o mundo, que vai prevalecer aquele título público. Pois bem, se este título dominial feito por mãos humanas vale contra o mundo que diante dele deve se curvar e respeitar, a pergunta é: Por que a Escritura Sagrada (Antigo e Novo Testamento), escrita por homens inspirados por Deus, sancionada pelo próprio Deus tem menos valor que a escritura lavrada por homens? A resposta é uma só: **INCREDULIDADE.**

O problema crucial é que olhamos mais para nós, para o que somos e fazemos, do que para o que está escrito na Bíblia Sagrada, e enquanto assim agirmos,

veremos que somos os mais miseráveis de todos os homens: **Se a nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens** (ICor.15:19). Devemos caminhar com os olhos fixos na pessoa de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, pois Ele realizou uma obra sem deixar resquícios, sem deixar arestas, sem necessidade de retoques ou acabamento, ela foi consumada na cruz. Não acreditar nela é o mesmo que dizer, segundo a ilustração acima, que foi curado de pneumonia e morrer vítima dela ou que é detentor da escritura pública registrada mas não acredita na propriedade que possui. Na Bíblia Sagrada não existe pecador salvo, isso é invenção humana para justificar as mazelas do homem natural que está dentro de uma igreja denominacional, mas não está em Cristo. Ou você é regenerado ou não é! Não há duas facetas na mesma espécie, ou você nasceu de novo ou continua sendo pecador. Não tente mudar o que está escrito na Bíblia Sagrada, pois, o que nela está registrado muda sua vida se você tiver humildade, mas não queira mudar o que está escrito, que não conseguirá, será uma luta inglória e vã: **Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão** (Mat.24:35).

O autor da carta aos Hebreus diz que esta é a forma como devemos andar, com o olhar fixo e firme, sem vacilar: **olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus** (Hb.12:2). Todas as vezes que assim me posiciono, Deus vai me revelando que Cristo me salvou do pecado, do poder do pecado e me desarraigou da natureza perversa, implantando em mim Sua natureza, a natureza divina: **Visto como, pelo sue divino poder, nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à piedade, pelo conhecimento completo daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude, pelas quais nos têm sido doadas as suas preciosas e mui grandes promessas, para que por elas vos torneis co-participantes da natureza divina, livrando-vos da corrupção das paixões que há no mundo** (2Pedro 1:3-4). Dá para acreditar que Ele realizou esta obra? Você já parou para pensar que foi chamado para ser participante da natureza divina: **para que por elas vos torneis co-participantes da natureza divina**. Evidente que quem participa da natureza divina não é o homem natural ou a velha criatura, mas aquele que foi renascido por Deus em Cristo, nasceu de novo e recebeu o gene do Pai Celestial, não mais em Adão, mas em Jesus Cristo: **Pois assim está escrito: O primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente. O último Adão, porém, é espírito vivificante. Mas não é primeiro o espiritual, e sim o natural; depois, o espiritual. O primeiro homem, formado da terra, é terreno; o segundo homem é do céu. Como foi o primeiro homem, o terreno, tais são também os demais homens terrenos, e, como é o homem celestial, tais também os celestiais. E, assim como trouxemos a imagem do que é terreno, devemos trazer também a imagem do celestial** (ICor.15:45-49).

Agora imagine você sendo portador da natureza divina na condição de pecador. Veja o que o apóstolo Paulo diz a respeito desse assunto: **Mas se, procurando ser justificados em Cristo, fomos nós mesmos também achados pecadores, dar-se-á o caso de ser Cristo ministro do pecado? Certo que não** (Gl.2:17)! Meu caro leitor, Jesus não vive a Sua vida santa em um pecador, mas em um regenerado: **Também Ihes disse uma parábola: Ninguém tira um pedaço de veste nova e o põe em veste velha; pois rasgará a nova, e o remendo da nova não se ajustará à velha. E ninguém põe vinho novo em odres velhos, pois o vinho novo**

romperá os odres; entornar-se-á o vinho, e os odres se estragarão. Pelo contrário, vinho novo deve ser posto em odres novos e ambos se conservam (Lucas 5:36-38). Em suma: Deus não põe Sua graça e santidade na Velha Criatura, mas na Nova, no redimido do cativeiro do pecado para participar de Sua natureza divina.

Livres do pecado pela graça!⁵

GRAÇA é: favor imerecido de Deus. Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie. (Ef.2:8-9). **GRAÇA é:** Deus fazendo tudo sem que o homem mereça coisa alguma, independente da ação e reação do ser humano.

Ninguém pode domesticar o velho homem, ele é como a fera enjaulada, a primeira oportunidade que tiver de sair da jaula promoverá estragos. A questão é de vida ou morte. Embora muitos anseiem melhorar a natureza decaída, todo esforço redundará em vão. O coração é tão duro, a vontade tão obstinada, as paixões tão furiosas, os pensamentos tão voláteis, a imaginação tão ingovernável, os desejos tão bárbaros, que o homem sente que há um covil de feras dentro de si, feras que hão de devorá-lo antes de poder ele dominá-las.

Seria tão impossível ao homem enfeixar o vento na palma da mão, quanto controlar pelas próprias forças os poderes bravios que moram dentro de si e fazem parte da natureza decaída. Mas alguém diz: ***Eu creio que Deus me perdoou em Cristo Jesus, mas em mim há tendências horríveis para a prática do pecado.***

A salvação seria algo tristemente incompleto se não condissesse também com esta parte da velha natureza. Justificação sem santificação não poderia jamais, ser chamada salvação. Seria declarar o leproso limpo e deixá-lo morrer na lepra; seria perdoar a rebelião e permitir que o rebelde permanecesse inimigo do rei. Seria remover as conseqüências, mas olvidar a causa, e isso deixaria a tarefa sem o fim e sem a esperança diante de nós. Interromper-se-ia a corrente por um período, mas permitir-se-ia uma fonte aberta de corrupção, que, mais cedo ou mais tarde, irromperia com dobrada força.

Jesus veio a este mundo para remover o pecado em três sentidos: ***veio remover a culpa do pecado, o poder do pecado e, afinal, a presença do pecado.*** De uma vez você pode atingir a segunda parte. O poder do pecado pode ser imediatamente quebrado, e você estará, então, no caminho que conduz à terceira parte, isto é, a remoção da presença do pecado. ***Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!*** (João 1:29). ***Sabeis, também, que ele se manifestou para tirar os pecados, e nele não existe pecado.*** (1João 3.5). O anjo do Senhor, em sonho, disse a José: ***Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles*** (Mat.1.21).

Nosso Senhor Jesus veio para destruir as obras do diabo: ***Aquele que pratica o pecado procede do diabo, porque o diabo vive pecando desde o princípio.***

⁵ Spurgeon – Tudo pela Graça

Para isto se manifestou o Filho de Deus: para destruir as obras do diabo. Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado; pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus (1João 3:8-9). O que o anjo disse ao anunciar Seu nascimento, foi também declarado na Sua morte, pois quando o soldado lhe perfurou o lado com a lança, imediatamente, dali jorrou sangue e água, para garantir a dupla cura por meio da qual somos livres da culpa e da contaminação do pecado. O Senhor sabe que não podemos mudar o nosso próprio coração, tampouco trocar a própria natureza, mas Ele faz ambas as coisas e consumou esta promessa em Cristo, quando Ele foi levantado na cruz do calvário. Ele pode mudar as manchas do leopardo e fazer você nascer de novo, nascer d'Ele. É um milagre! O Espírito Santo opera este milagre na vida de todo aquele que crê, pois todos fomos incluídos na morte e ressurreição em Cristo Jesus. Ele muda a direção dos seus desejos e a corrente da sua vida, de maneira que, ao invés de você correr d'Ele, você passa a correr para Ele.

Com a realização desta operação, trocando o velho coração pelo novo coração a velha natureza pela natureza divina, Ele acrescenta os dons e a Sua vocação, convergindo a nossa vontade para a vontade d'Ele. Ele não tira aquilo que nos deu, é para sempre, é eterno. As reformas do homem e as suas limpezas, cedo se acabam, pois o cão retorna ao seu próprio vômito. A ilustração dos barbeiros e o mendigo espelha bem esta verdade bíblica: **Diz a ilustração que os barbeiros de Nova Iorque resolveram demonstrar à sociedade a importância de sua profissão. Convocaram a imprensa, promoveram uma reunião em um dos hotéis mais luxuosos da cidade. Foram à periferia e trouxeram um mendigo. Maltrapilho, cabelo e barba por fazer, jogado na rua e ancorado na sarjeta da vida. Pegaram o pobre coitado, moribundo, deram-lhe um banho, cortaram a barba e o cabelo, passaram-lhe um perfume francês, colocaram nele um terno estilo pierrie cardan, sapato cromo alemão, cinto reluzente, gravata de seda, uma carteira recheada de dólares e de quebra, um cargo de assistente de gerência no hotel. Ah! Ia me esquecendo: Salário de U\$.3.000 (três mil dólares) por mês, mais benefícios. Conclusão: Ele trabalhou a primeira semana vez que estava sob os olhares da vigilância acirrada da imprensa. A primeira folga que teve, retornou às origens. Sem saber, a direção do hotel foi procurá-lo, pois não havia retornado ao trabalho, e qual não foi a surpresa, que o encontraram no mesmo lugar de onde havia sido recolhido. Lá estava ele: Bêbado, deitado na sarjeta, cabelo, e barba por fazer, sujo, sem dinheiro e esfarrapado.** Qual é a moral da história? As reformas que o homem promove nunca poderão lhe ensinar e tampouco levá-lo a uma regeneração ou vida de santidade, pois a raiz da velha criatura é de natureza pecaminosa. Muda-se a aparência exterior, a vestimenta e a fachada, mas o interior continua podre, portanto, a solução é a troca de coração, de natureza e não há troca sem morte de cruz. A semente semeada não nasce se primeiro não morrer. Sem a morte do velho homem não há lugar para o Novo Nascimento.

Deus não pode ensinar a ninguém viver uma vida de santidade, pois é Sua natureza santa que leva o regenerado a viver em santidade. A velha natureza não tem inclinação para isso. Enquanto a velha natureza é impelida para a iniquidade, a nova criatura segue em retidão procedente da verdade. Podemos enxertar um galho numa árvore para que este novo galho receba da natureza daquela árvore à qual foi enxertado, mas não podemos mudar a seiva da árvore e transportar para o galho se

ele não for enxertado. É isto que Deus faz, fomos enxertados em Cristo e passamos a receber de Sua natureza, sem estar nEle, não há como ser nova criatura.

Quando você se render à ação divina, o Senhor trocará a sua natureza, subjugará a natureza velha e soprará vida nova em você. Ponha sua confiança no Senhor Jesus Cristo e Ele lhe extirpará da sua carne o coração de pedra e lhe dará um coração de carne. Onde tudo era rijo, se tornará tenro; onde tudo era vicioso, acabará em virtude; onde tudo se inclinava para baixo, ascenderá sempre e sempre com força impetuosa. O leão raivoso dará lugar ao cordeiro de mansidão; o abutre de imundícia, à pomba de pureza; a serpente vil do engano será esmagada pelo calcanhar da verdade.

É mudança completa de caráter moral e espiritual. Mulheres outrora impuras, agora são puras como a neve; homens blasfemadores agora se deleitam a quantos os cercam, pela intensa devoção ao Senhor. Ladrões agora são homens de bem, honestos; bêbados agora são sóbrios; mentirosos, fidedignos, zombadores, agora zelosos. Onde a graça de Deus penetra desaparece a impiedade, a cobiça, o mundo vil, e tem lugar a vida sóbria, reta e pia diante de Deus.

Você pode dizer: Eu não consigo fazer isto! Mas quem disse que alguém consegue? Foi Deus quem fez isto por mim e por você na cruz do calvário, quando nos incluiu no Corpo do Senhor Jesus. Creia somente! Confie nEle que a Sua Palavra se cumpre em você. Faça como Maria, se não entender nada, renda-se porque o Poder é da Palavra de Deus.

Capítulo V

Considerações finais:

Vejamos como o pecado era tratado na vigência da Lei, na Antiga Aliança e como os seus rituais apontavam para a pessoa de Jesus Cristo, de modo que tudo teve o seu desfecho na cruz do calvário.

Breve resumo do sacrifício na Antiga Aliança:

Devido à ênfase redobrada à expiação pelo sangue e à santidade, o livro de Levítico tem relevância permanente para os Cristãos na Nova Aliança. O NT ensina que o sangue expiador de animais sacrificiais, realçado em Levítico, era a **sombra dos bens futuros** (Hb.10.1) a indicar o sacrifício, uma vez para sempre, de Cristo, pelo pecado (Hb.9.12). O mandamento bíblico para que o cristão seja santo pode ser perfeitamente cumprido no novo concerto, através do sangue precioso de Cristo; a chamada é para que ele seja santo em todas as áreas de sua vida (1Pe.1.13-16) Isso só é possível pela graça abundante de Deus e a Vida de Cristo ressurreta no regenerado.

EXPIAÇÃO e SANTIDADE: O provimento de Deus para a redenção do pecado com o objetivo de desfazer a separação entre o homem e Deus, como consequência do pecado. **EXPIAÇÃO:** *Kaphar* – cobrir, cobertura temporária do pecado, mediante o sangue (Hb.10.4), até o dia em que Jesus Cristo morresse como sacrifício perfeito para tirar o pecado do mundo (João 1.29; Rm.3.23-25; Hb.10.11,12). **A NECESSIDADE DE EXPIAÇÃO:** *Kaphar* – cobrir, cobertura temporária do pecado, mediante um **resgate**, de modo que haja uma reparação ou restituição adequada pelo delito cometido. Note o princípio do **resgate** em Êxodo 30.12; Nm.35.31; Slm.49.7; Is.43.3. A necessidade da expiação surgiu do fato que os pecados de Israel (16.30), caso não fossem expiados, sujeitariam os israelitas à ira de Deus (Rm.1.18; Cl.3.6; 1Ts.2.16). Por conseguinte, o propósito do Dia da Expição era prover um sacrifício de amplitude ilimitada, no decurso do ano que findava. Dessa maneira, o povo seria purificado dos seus pecados do ano precedente, afastaria a ira de Deus contra ele e manteria a sua comunhão com Deus (16.3-34; Hb.9.7). Porque Deus desejava salvar os israelitas, perdoar os seus pecados e reconciliá-los consigo mesmo. Ele proveu um meio de salvação ao aceitar a morte de um animal inocente em lugar deles – o animal era sacrificado -; esse animal levava sobre si a culpa e a penalidade deles (17.11; Is.53.4,6,11) e cobria seus pecados com o sangue derramado.

Deus chamava o seu povo à pureza e à vida de santidade. O mandamento reiterado de Deus é: Santos sereis, porque eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo (19.2; 20.7, 26). A vida de santidade na Nova Aliança (2Cor.4.10-11). O termo hebraico que significa santo ocorre mais de cem vezes em Levítico, e, quando aplicado ao ser humano, fala de pureza e de obediência. A santidade é vista nas cerimônias, na adoração, mas principalmente nos eventos da vida diária.

HOLOCAUSTO: O termo hebraico traduzido por holocausto significa aquilo que sobe para Deus. O sacrifício era totalmente queimado, o que significa que a to-

tal consagração do povo de Deus é essencial à adoração verdadeira. Ao mesmo tempo, esse sacrifício abrangia o perdão do pecado, o que realçava o fato de que antes dos adoradores dedicar-se a Deus, tinham que estar purificados do pecado (Mat.5:23,24). **JESUS** é o cumprimento cabal do holocausto (Heb.10.5-10). Vejamos como isso está estampado nas páginas das Sagradas Escrituras: Lev.1.4 **PORÁ A SUA MÃO**: O israelita que sacrificava um animal curvava-se sobre este, para significar assim que ele se identificava com o referido animal que estava tomando o seu lugar. Esse ato exprimia a idéia de substituição (Lev.16.21, 22). Quando o animal morria, era como se a pessoa que o trouxera também morresse, no entanto, permanecia viva para servir a Deus. De modo semelhante, o cristão se entrega a Cristo e une-se a Ele na semelhança da Sua morte (Rm.6.3-11; 2Cor.5.21; Col.3.3; Hb.9.14). Agora, o cristão é conclamado a viver como ressurreto dentre os mortos (Vida Ressurreta de Cristo) e apresentar-se como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus (Rom.12.1; Hb.13.15). **AROMA AGRADÁVEL** ou **CHEIRO SUAVE AO SENHOR (Lv.1:9)**: Deus muito se agradava do sacrifício que o seu povo oferecia. O apóstolo Paulo aplica esta expressão tanto ao sacrifício de Cristo (Ef.5.2), como às boas ações do cristão (Fp.4.18; Hb.13.16).

A cerimônia do dia da expiação:

O dia da Expição é descrito em Levítico 16, o dia santo mais importante do ano judaico. Nesse dia, o sumo sacerdote, vestia as vestes sagradas, e de início preparava-se mediante um banho cerimonial com água. Em seguida, antes do ato da expiação pelos pecados do povo, ele tinha de oferecer um novilho pelos seus próprios pecados. A seguir, tomava dois bodes e, sobre eles, lançava sortes: um tornava-se o bode do sacrifícios, e ou outro tornava-se o bode expiatório (16.8). sacrificava o primeiro bode, levava seu sangue, entrava no Lugar Santíssimo, para além do véu, e aspergia aquele sangue sobre o propiciatório, o qual cobria a arca contendo a Lei Divina que fora violada pelos israelitas, mas que agora estava coberta pelo sangue, e assim se fazia a expiação pelos pecados da nação inteira (16.15,16). Como etapa final, o sacerdote tomava o bode vivo, impunha as mãos sobre a sua cabeça, confessava sobre ele todos os pecados dos israelitas e o enviava ao deserto, simbolizando isto que os pecados deles eram levados para fora do arraial para serem aniquilados no deserto (16.21,22).

O dia da Expição era uma assembléia solene; um dia em que o povo jejuava e se humilhava diante do Senhor (16.31). Esta contrição de Israel salientava a gravidade do pecado e o fato de a obra divina da expiação era eficaz somente para aqueles de coração arrependido e com fé perseverante (23.27; Nm.15.30; 29.7). O dia da Expição levava a efeito a expiação por todos os pecados e transgressões não expiados durante o ano anterior (16.16,21). Precisava ser repetido cada ano da mesma maneira.

Cristo e o dia da expiação:

O dia da Expição está repleto de simbolismo que prenuncia a obra de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. No NT. O autor da carta aos hebreus realça o cumprimento, no novo concerto, da tipologia do Dia da Expição – Hb.9.6 – 10.18. O fato de que os sacrifícios do AT tinham de ser repetidos anualmente indica que eles eram provisórios. Apontavam para um tempo futuro quando então, Cristo viria para

remover de modo permanente e eficaz todo o pecado – Hb.9.28; 10.1-18. Os dois bodes representam a expiação, o perdão, a reconciliação e a purificação consumados por Cristo. O bode que era sacrificado representa a morte vicária e sacrificial de Cristo pelos pecadores, como remissão pelos seus pecados (Tm.3.24-26; Hb.9.11,12,24-26). O bode expiatório, conduzido para longe, levando os pecados da nação, tipifica o sacrifício de Cristo, que remove o pecado e a culpa de todos quantos se arrependem (Sl.103.12; Is.53.6,11,12; João 1.29; Hb.9.26).

Os sacrifícios no Dia da Expição proviam uma cobertura pelo pecado, e não a remoção do pecado. O sangue de Cristo derramado na cruz, no entanto, é a expiação plena e definitiva que Deus oferece à raça humana; expiação esta que remove o pecado de modo permanente (Hb.10.4, 10, 11). Cristo como sacrifício perfeito (Hb.9.26; 10.5-10) pagou a inteira penalidade dos nossos pecados (Rm.3.25,26; 6.23; Gl.3.13; 2Cor.5.21) e levou a efeito o sacrifício expiador que afasta a ira de Deus, que nos reconcilia com Ele e que restabelece a comunhão (Rm.5.6-11; 2cor.5.18,19; 1Pe.1.18, 19; 1João 2.2).

O Lugar Santíssimo onde o sumo sacerdote entrava com sangue, para fazer expiação, representa O trono de Deus no céu. Cristo entrou nesse Lugar Santíssimo após sua morte e, com seu próprio sangue fez expiação para o cristão perante Deus (Êxodo 30.1; Hb.9.7,8,11,12,24-28). Visto que os sacrifícios de animais tipificavam o sacrifício perfeito de Cristo pelo pecado e que se cumpriram no sacrifício de Cristo, não há mais necessidade de sacrifícios de animais depois da morte de Cristo na Cruz (Hb.9.12-18).

Escavidão ou liberdade?

Depois de analisarmos o pecado sob o enfoque de sua definição, como sendo a transgressão da Lei e, por conseguinte como corolário da incredulidade. Vimos o papel da lei e sua cobrança, passamos pelo novo regime implantado com a morte do Senhor Jesus e a Nova Aliança inaugurada, pudemos discorrer sobre a operação cruz e seus efeitos, agora, caminhamos para a conclusão. Gostaria que você, prezado leitor, guardasse suas reservas, seus conceitos, seus preconceitos e ficasse apenas com o que está escrito na Bíblia Sagrada. E não venha me dizer que cada um tira da Bíblia suas conclusões e a interpreta segundo lhe convém, porque a Bíblia tem um assunto só, do Gênesis ao Apocalipse: Jesus! Ela trata de um tema só: A Salvação do Homem. Ela busca um alvo só: A glória de Deus! E ninguém pode dizer que é livre sendo escravo do pecado. Nem me diga que é um pecador salvo, pois isso é uma tremenda heresia e arranjo humano para adequar conduta natural ao preceito Bíblico e daí, me desculpe, mas não dá para engolir. Veja o que Jesus disse a esse respeito: **Replicou-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: todo o que comete pecado é escravo do pecado. O escravo não fica sempre na casa; o filho, sim, para sempre** (João 8:34-35).

O que você prefere: Continuar sendo escravo do pecado ou gozar da liberdade que Jesus veio oferecer? Veja o que Ele diz: **Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres** (João 8;36). Do que Ele veio me libertar senão do jugo da Lei do Pecado e da Morte! Ninguém pode dizer que é verdadeiramente livre se não for liberto por Cristo e como vimos anteriormente, Deus encontrou um único

meio para consumir esta libertação: Morte e morte de cruz! A de Jesus? Não a sua com Ele! Jesus não podia morrer, pois Ele não tinha pecado: **Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus** (II Cor.5:21). Qual a causa da morte de Jesus? Os meus pecados e os seus pecados, os pecados da raça humana que foram depositados no Corpo dEle naquela cruz.

Se houvesse por ocasião da morte de Jesus um médico legista que atestasse o óbito, por certo, a causa da morte ou **causa mortis** seria identificada como: **O PECADO DA RAÇA HUMANA.**

Depois disso, passamos a gozar da verdadeira liberdade em Cristo, deixamos o regime de escravidão e passamos ao da liberdade. Deixe-me lembrar um fato histórico ocorrido em nosso país, que de repente pode ajudar na compreensão desse assunto. Consta dos anais da história não muito distante de nosso país, que vivíamos um regime de escravidão, sob o império de Portugal. Nos idos de 1888, precisamente no dia 13 de maio, foi promulgada uma lei, denominada Lei Áurea, que garantia aos escravos do país a liberdade. Ganharam a carta de alforria, podiam deixar as fazendas e senzalas sem mais satisfação aos senhores de engenho, aos seus donos e patrões. Não mais eram considerados mercadoria ou objeto de mercancia, moeda de troca, mas agora, como cidadãos, livres, podiam usufruir do direito de ir e vir, trabalhar para quem quisessem. O que você acha que aconteceu? Acha que todos saíram imediatamente e exigiram o cumprimento da lei? Evidente que não! Muitos continuaram nas senzalas, por ignorância quanto à existência da lei ou por não acreditar que aquilo fosse verdade. E assim, muitos continuaram na escravidão de seus senhores.

Escravo ou herdeiro?

Tal fato se dá também com o pecado. Jesus consumou a obra de redenção completa na cruz. Muitos, por ignorância ou incredulidade, não têm conhecimento ou não acreditam que a nossa libertação espiritual foi completa e acabada; que ganhemos a carta de alforria e não acreditam. Um outro exemplo é quanto a figura que temos designada para a Bíblia Sagrada: Velho e Novo Testamento. Ora, a definição jurídica para testamento é: Disposição de última vontade do testador. O que isto significa? Quer dizer que aquele que possui bens passíveis de doação e segundo as normas legais, pode dispor de seus bens, contemplando pessoas que venham a receber o legado após a morte do testador. E não foi isso que aconteceu com Nosso Senhor Jesus Cristo?

Jesus foi à cruz para garantir a transmissão de bens aos seus donatários, àqueles que, após Sua morte, crêem que são participantes da herança espiritual transmitida por Jesus. Oh que maravilha! Agora sou herdeiro de Deus e co-herdeiro com Cristo: **Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo; se com ele sofremos, também com ele seremos glorificados** (Rm.8:17). Note bem! O apóstolo Paulo está colocando uma condicional "Se". E preste atenção: O escravo não herda, não tem direito a herança e Jesus se referiu ao pecador como escravo do pecado João (8:34-35), logo, se continuar na condição de pecador ele não tem direito à herança transmitida na cruz, pois esta vem através da morte e ressurreição.

Graças a Deus que o preço do resgate foi pago, a liberdade é completa, motivo de satisfação, alegria e de celebração: ***Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes não vos submetais, de novo, a jugo de escravidão*** (Gl.5:1). Dentro de um raciocínio lógico e em sã consciência, qual é o ex-presidiário que quer voltar à cela? Qual é o ex-escravo que quer ser escravizado novamente? Qual é o ex-viciado que pretende retomar ao vício? Se isto ocorrer, o que é impossível, em sã consciência e dentro do exercício da lógica do razoável, então dá lugar ao que está escrito: ***Portanto, se, depois de terem escapado das contaminações do mundo mediante o conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo, se deixam enredar de novo e são vencidos, tornou-se o seu último estado pior que o primeiro. Pois melhor lhes fora nunca tivessem conhecido o caminho da justiça do que, após conhecê-lo, volverem para trás, apartando-se do santo mandamento que lhes fora dado. Com eles aconteceu o que diz certo adágio verdadeiro: O cão voltou ao seu próprio vômito; e: A porca lavada voltou a revolver-se no lamaçal*** (2Pedro 2:20-22).

Preste atenção no que diz o texto: Ele não está dizendo que os regenerados estão suscetíveis e passíveis de cair, de voltarem à vida pecaminosa, não é isto que está implícito no texto. Primeiro o texto diz daqueles que conheceram o Senhor e Salvador Jesus, mas o texto não diz que tiveram o novo nascimento, a regeneração ou a troca de natureza. Ter conhecimento de Jesus é uma coisa e se entregar a Ele completamente para a regeneração, é outra. Segundo, o texto finaliza com o exemplo do cão que volta ao próprio vômito e da porca lavada que volta ao lamaçal. O que Pedro está nos ensinando: Exatamente que não ocorreu a troca de natureza. O cão continuou com sua natureza canina e, portanto, propenso a retornar a vida antiga e a porca, dela não fora extirpada a porcaria, por isso, o primeiro chiqueiro que encontrar será sempre o destino preferido.

Não há contradição na Palavra de Deus. Nesse sentido, é o próprio apóstolo Pedro quem faz esta afirmação: ***Por isso, irmãos, procurai, com diligência cada vez maior, confirmar a vossa vocação e eleição; porquanto, procedendo assim, não tropeçareis em tempo algum*** (II Pedro 1:10). É Deus quem me garante que em Cristo não há tropeço. O tropeço é para os que estão fora de Cristo. Podem até estar numa igreja, mas se não estiverem em Cristo a derrocada será grande. É o construtor da parábola que Jesus contou que constrói a casa sobre a areia, sua ruína será grande (Mat.7:26-27).

O exemplo de Jó:

Vamos ilustrar isso com outro exemplo Bíblico: ***Escuta-me, pois, havias dito, e eu falarei; eu te perguntarei, e tu me ensinarás. Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te vêem. Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza*** (Jó 42:4-6). Bem, Jó não era um homem justo e íntegro? Afinal, não foi o próprio Deus quem fez esta afirmação? Vejamos o que Deus disse a respeito dele: ***Num dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o SENHOR, veio também Satanás entre eles. Então, perguntou o SENHOR a Satanás: Donde vens? Satanás respondeu ao SENHOR e disse: De rodear a terra e passear por ela. Perguntou ainda o SENHOR a Satanás: Observaste o meu servo Jó? Porque ninguém há na terra semelhante a ele, homem íntegro, te-***

mente a Deus e que se desvia do mal (Jó 1:6-8). É verdade, Jó era um homem íntegro, reto e temente a Deus, aliás, foi o próprio Deus quem fez esta afirmação e quem somos nós para fazê-la o contrário. Mas, e sempre, mas, há uma questão em voga nas entrelinhas que vem ser esclarecida apenas ao final, no capítulo 42:4-6 acima transcrito. E qual é esta questão crucial? Jó era justo e reto com sua retidão e justiça própria: **À minha justiça me apegarei e não largarei; não me reprova a minha consciência por qualquer dia da minha vida** (27:6). **Estou limpo, sem transgressão; puro sou e não tenho iniquidade. Eis que Deus procura pretextos contra mim e me considera como seu inimigo** (33:9-10). **Cessaram aqueles três homens de responder a Jó no tocante ao se ter ele por justo aos seus próprios olhos** (32:1). **Porque Jó disse: Sou justo, e Deus tirou o meu direito** (34:5). Ele não conhecia a justiça de Deus, daí porque, afirmar em 42:1-6 que conhecia Deus só de ouvir falar, portanto, ele precisava conhecer a justiça de Deus, e esta, ele somente foi conhecer ao final, depois de toda a luta e sofrimento por que passou.

Isto deve ocorrer conosco. É preciso ser quebrados, talhados, esvaziados de nós mesmos para sermos moldados por Deus, conhecer Sua Justiça, a Justiça que vem da cruz, não a nossa: **Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo e ser achado nele, não tendo justiça própria, que procede de lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé; para o conhecer, e o poder da sua ressurreição, e a comunhão dos seus sofrimentos, conformando-me com na sua morte; para, de algum modo, alcançar a ressurreição dentre os mortos** (Fp.3:8-11). O mundo religioso é como os fariseus, têm muita justiça, mas justiça própria desconhece a que vem de Deus: **Irmãos, a boa vontade do meu coração e a minha súplica a Deus a favor deles são para que sejam salvos. Porque lhes dou testemunho de que eles têm zelo por Deus, porém não com entendimento. Porquanto, desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à que vem de Deus. Porque o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê** (Romanos 10:1-4).

A Justiça de Deus:

A justiça que emana da cruz justifica o pecador, retira dele a natureza pecaminosa que o impedia de ser filho de Deus e, por conseguinte, de desfrutar da comunhão com o Pai. O religioso não tem descanso e não tem comunhão com o Pai, pois sobre ele pesa a Lei do Pecado e da Morte. A Lei exige, impõe cobranças que ele não é capaz de atender, daí a luta do pecador e sempre clamando à Deus. Enquanto isso, de outro lado, estão aqueles que descansam na obra salvífica, redentora e renovadora de Cristo na cruz do calvário. Os que estão em Cristo, pela fé na Obra de Rendação = Atração (João 12:32), crucificação (Rm.6:6), morte (II-Cor.5:14) e ressurreição (Ef.2:6), estes descansam, por saber que Deus já fez tudo em Cristo para o seu benefício.

A Lei exige do homem pecador, cobra e ele não atende por insuficiência, incompetência, incapacidade e impossibilidade de cumprir os seus reclamos. A Graça regenera, salva, dá vida e coloca o regenerado em comunhão com o seu SENHOR.

Literalmente, através de Cristo obtivemos a nossa introdução a essa graça na qual agora estamos firmes. **Graça é um favor que recebemos gratuita e imerecidamente de Deus, seu amor incondicional e espontâneo, do qual não somos dignos.** Trata-se da qualidade de um Deus que é bondoso, e nos trouxe para a Sua graça, fazendo-nos ocupar uma posição privilegiada ao aceitar-nos em Cristo Jesus.

O cristão justificado desfruta de uma bênção muito mais grandiosa do que uma simples aproximação periódica de Deus, ou uma audiência ocasional com o rei. O cristão tem o privilégio de viver no templo e no palácio. A relação do cristão com Deus, foi possibilitada pela justificação que não é esporádica, mas contínua; não é precária, mas uma relação segura. O cristão não vive caindo nas graças de Deus e depois perdendo o seu favor, como cortesãos que caem nas graças ou perdem o favor de seu soberano, ou como políticos que ganham a simpatia do povo e depois a perdem. Não! Ele permanece firme nela, pois é esta a natureza da graça. Nada pode separar-nos do amor de Deus: **Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor** (Rm.8.38-39).

E mais, o amor de Deus manifesto na cruz do calvário estampa Sua justiça e tem o condão constitutivo da prova material: **Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores** (Rm.5:8). Se quisermos compreender isso, precisamos lembrar que a essência do amor consiste em dar. Sob este aspecto ninguém amou mais do que Deus ao ponto de dar o Seu Filho Unigênito. A intensidade do amor é medida, em parte, pelo preço que custou a dádiva ao seu doador, e, em parte, pelo quanto o beneficiário é digno ou não dessa doação. Quanto mais custa o presente ao doador, e quanto menos o receptor o merece, tanto maior demonstra ser o amor. Medido por esses padrões, o amor de Deus em Cristo é absolutamente singular, pois, ao enviar seu Filho para morrer pelos pecadores, ele estava dando tudo, até a si mesmo, àqueles que nada mereciam dele, exceto juízo.

O ser humano pode ser muito generoso e fazer doações a quem ele considera digno de sua afeição e respeito. A majestade incomparável do amor de Deus reside na combinação de três fatores, a saber, que quando Cristo morreu por nós, Deus estava: a) entregando a si mesmo; b) submetendo-se aos horrores de uma morte por meio da qual carregaria os pecados na cruz; e c) fazendo isso por seus inimigos indignos. Afinal de contas, sim, nós fomos salvos, através de Cristo, da culpa de nossos pecados e do juízo de Deus com relação a eles.

Resumo da Obra:

Que nunca saia de nossa mente, ser Adão o responsável pelo pecado e a morte, mas que, também, prefigurava o tipo daquele que haveria de vir, isto é, Cristo. Da mesma forma que o pecado entrou no mundo por um homem e pelo pecado a morte, e assim a morte sobreveio a todos os homens, porque todos participaram do pecado dele, assim também, através de um homem a justiça de Deus entrou no mundo e, pela justiça divina, a vida, e assim a vida sobreveio a todos porque todos participaram da Sua justiça, crucificados em Cristo. A desobediência de Adão gerou

conseqüências graves, que tiveram repercussão sobre toda a raça humana. Adão é a cabeça da velha eternidade e da era da morte. Cristo, a cabeça da nova aliança, da era divina e da vida eterna. A natureza do que eles fizeram foi diferente. Não há comparação entre a obediência e a transgressão. A transgressão gerou a queda, a morte e a condenação. A obediência gerou a justificação e a vida eterna.

O resultado final dos dois atos também é diferente. Em Adão reinou a morte, em Cristo, reina a Vida. Antes, a morte era o que imperava, agora, Cristo trocou o reino da morte pelo reino da vida. Ele nos libertou do império das trevas e nos colocou no Reino da Vida, passamos a reinar em vida, aqui, já, agora e no presente. A graça de Deus opera numa aritmética diferente da nossa. Se por um só ato de desobediência entrou o pecado e a morte no mundo e estes passaram a todos os homens, a graça deriva de muitas ofensas para a justificação. Em troca da desobediência dos homens, Deus lhes dá gratuitamente o perdão, a regeneração e a vida eterna. A compreensão humana não alcança e não pode entender esta graça imensurável, sem medida e sem tamanho, mas nela deve descansar e estar firmada.

Os que estão em Adão servem ao pecado, enquanto os que estão em Cristo Jesus servem a Deus. O destino final para onde cada qual conduz também é diferente: **morte ou vida eterna: Pois o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus nosso Senhor** (Rm.6:23). Assim, o pecado paga um salário – recebe quem merece, mas Deus dá um dom gratuito – recebe quem não merece. Portanto, se recebermos aquilo que merecemos, só pode ser a morte; já a vida eterna é uma dádiva de Deus, inteiramente gratuita, absolutamente imerecida, baseada exclusivamente na graça e se alicerça unicamente na morte expiatória de Cristo na cruz do calvário e nossa inclusão em Seu Corpo, unidos pela fé. Por nascimento estamos em Adão, porta larga que conduz à perdição e somos escravos do pecado. Pelo novo nascimento, estamos em Jesus, a porta estreita que conduz à vida eterna e estamos livres do pecado e da morte eterna. Glória a Deus!

Você continua sendo pecador?

Sem a morte do pecador no Corpo do Senhor Jesus na cruz do calvário não há vida cristã, não há cristianismo, não há relacionamento com Deus e não existe nova criatura, pois sem a morte do corpo de pecado, que é a fonte geradora de pecados, não há vida de Cristo: **Porque eu, mediante a própria lei, morri para a lei, a fim de viver para Deus. Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim** (Gl.2:19-20). Ninguém vive para Deus sem experimentar a morte da natureza pecaminosa no corpo de Cristo na cruz do calvário.

Todo aquele que continua debaixo da lei do pecado e da morte e não da graça, porque não teve conhecimento da verdade ou por incredulidade e dureza de coração, continua em Adão, o velho homem, sendo pecador pertence ao diabo: **Aquele que pratica o pecado procede do diabo, porque o diabo vive pecando desde o princípio. Para isto se manifestou o Filho de Deus: para destruir as obras do diabo. Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado; pois**

o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus (1João 3:8-9).

Deus não tem comunhão com o pecador, pois o pecado separa o homem de Deus: **Eis que a mão do SENHOR não está encolhida, para que não possa salvar; nem surdo o seu ouvido, para não poder ouvir. Mas as vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que vos não ouça** (Isaías 59:1-2). Deus não atende a pecadores, mas somente aqueles que estão em Cristo são ouvidos por Deus: **Sabemos que Deus não atende a pecadores; mas, pelo contrário, se alguém teme a Deus e pratica a sua vontade, a este atende** (João 9:31).

Os pecadores não têm comunhão com Deus e, por conseguinte, não prevalecem na congregação dos justos: **Por isso, os perversos não prevalecerão no juízo, nem os pecadores, na congregação dos justos. Pois o SENHOR conhece o caminho dos justos, mas o caminho dos ímpios perecerá** (Salmo 1:5-6). Vejamos o que Jesus disse à mulher apanhada em flagrante adultério: **Erguendo-se Jesus e não vendo a ninguém mais além da mulher, perguntou-lhe: Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou? Respondeu ela: Ninguém, Senhor! Então, lhe disse Jesus: Nem eu tampouco te condeno; vai e não peques mais** (João 8:10-11). O quadro aqui descrito é a condenação que a lei exigia e de outro lado, a absolvição imputada pela graça divina, pois a mulher foi acusada pela lei de Moisés, seus algozes a levaram diante da Graça estampada em Jesus que a absolveu e lhe fez a advertência: **vai e não peques mais**. Os pecadores não prevalecerão no juízo, serão queimados eternamente no lago de fogo.

Por derradeiro, devemos estabelecer um raciocínio muito simples: Adão pecou uma vez apenas, contra Deus e morreu para Deus. Satanás, que era querubim no céu, se rebelou apenas uma vez contra Deus e fora transformado de anjo de luz em príncipe das trevas. O povo de Israel com dois anos de caminhada após sair do Egito já estava na fronteira de Canaã, mas, por não acreditar que podia entrar na terra prometida (Números 13:31-33) e por não acreditar no que Deus tinha falado, pereceu toda aquela geração no deserto ao longo de quarenta anos. Na esteira desse raciocínio, vemos que Deus continua a agir do mesmo modo: **Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre** (Hb:13:8).

Em resumo, a questão é: Recebemos uma herança espiritual, onde tudo é pecado, mas não paramos para analisar à luz das páginas das Escrituras Sagradas o que realmente é pecado e qual é o seu significado. Quando fazemos esta análise, vemos o quão distante caminha a raça humana – o mundo religioso - daquilo que Deus diz em Sua Palavra: **Isto, portanto, digo e no Senhor testifico e não mais andeis como também andam os gentios, na vaidade dos seus próprios pensamentos, obscurecidos de entendimento, alheios à vida de Deus por causa da ignorância em que vivem, pela dureza do seu coração...** (Ef.4:17-18).

Como iniciamos o tema com o texto que afirma ser o pecado transgressão da lei, vamos encerrar com outro texto que fala da vitória de Jesus sobre a lei do pecado e da morte: **Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão? O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Graças à Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo**

(ICor.15:55-57). Antes que alguém pense em formular a pergunta: Peca ou não pecca? A resposta é: Depende! Você está em Adão ou em Cristo? Você está debaixo da lei do pecado e da morte ou da lei do Espírito da Vida em Cristo? Está na lei ou na graça? Você está na Velha ou na Nova Aliança? Antigo ou Novo Regime? Quem é o seu Pai e o seu Senhor?

Tenhamos a humildade de concordar com o que Deus fala e deixemos de lado os conceitos e preconceitos, pois eles nos levam para o inferno, mas o que Deus fala nos coloca no Céu, em Cristo. O conceito que temos de pecado não é mesmo traçado e definido pela Bíblia Sagrada, portanto, fiquemos com o conceito bíblico. Façamos como Maria ao receber a notícia do anjo de que seria mãe. A princípio, não entendeu nada, porque sendo mulher virgem, sem relacionamento sexual com homem algum, seria impossível engravidar. Diante da resposta do anjo de que para Deus não há impossíveis em todas as suas promessas, coube a ela a seguinte conclusão: ***Então, disse Maria: Aqui está a serva do Senhor; que se cumpra em mim conforme a tua palavra. E o anjo se ausentou dela*** (Lucas 1:38). A ausência do anjo significa que dali em diante Maria deixou Deus trabalhar para que Sua promessa fosse cumprida; ela não ficou relutando em querer saber como seria possível uma mulher virgem engravidar sem relacionamento sexual e sem inseminação artificial, mas passou a glorificar o nome do Senhor. ***Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém!*** (Romanos 11:36).

Deus te abençoe em nome de Jesus!

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS:

Bíblia de Estudo Almeida, revista e atualizada.

Bíblia Vida Nova, edição revista e atualizada.

Bíblia de Estudo Pentecostal, edição revista e corrigida.

Manual Bíblico, Edições Vida Nova, Henry H. Halley.

Stott, John, Romanos, ABU Editora SP.

Nee, Watchman, A Vida Cristã Normal, Edições Tesouro Aberto MG.

Finney, Charles, Teologia Sistemática, Casa Publicadora das Asembléias de Deus RJ.

Paranaguá, Glenio Fonseca, Cruz Credo! O Credo da Cruz, Editora Ide PR.

Silva, Sinval Teófilo, O Evangelho da Graça, Associação Betel de Evangelismo e Missões PR.

Spurgeon, Charles H.– Tudo Pela Graça, Casa Publicadora Batista RJ.

DADOS DO AUTOR:

O autor, Nilton Severiano de Oliveira, é advogado militante na cidade de Ribeirão Preto SP, e tem na profissão o seu meio de sobrevivência. Desempenha a função pastoral na 1ª Igreja Batista Importa Renascer em Ribeirão Preto, em razão do dom recebido de Cristo Jesus: ***E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres...***(Efésios 4:11). É casado, pai de um casal de filhos e escreveu este livro com o objetivo único de contribuir para o esclarecimento de um assunto tão fascinante, que desperta tanta polêmica no meio evangélico, por falta de discernimento e revelação.